



Rua Fundação Gulbenkian, s/ nº, 4710 - 394 Braga  
T +351 253 600 540  
F +351 253 600 549  
geral@conservatoriodebraga.pt  
www.conservatoriodebraga.pt

nº6  
2016

# Intrepautas

Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga



## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREPAUTAS</b>	Revista Anual do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga Nº 6   ano letivo 2015/2016
<b>Diretor</b>	João Tiago Magalhães jornaldamusica@gmail.com
<b>Conselho Editorial</b>	Sandra Lopes, Carlos Pinto e Anabela Fernandes
<b>Fotografia</b>	Aurora Miranda e Joana Araújo Peixoto
<b>Revisões</b>	Carlos Pinto
<b>Projeto gráfico</b>	Sandra Lopes e Justiniano Mota
<b>Capa</b>	Isabel Caldeira
<b>Propriedade e Edição</b>	Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga
<b>Contactos</b>	Rua Fundação Gulbenkian, s/nº, 4710-394 Braga T +351 253 600 540 F +351 253 600 549 geral@conservatoriodebraga.pt www.conservatoriodebraga.pt

<b>Depósito Legal</b>	
<b>Tiragem</b>	500 exemplares
<b>Data edição</b>	maio 2016
<b>Impressão</b>	Empresa do Diário do Minho, Lda. - Braga

**Mecenas**

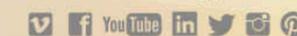
**dstgroup**  
building culture

**dstgroup**  
building culture

Somos, intensamente, em construção.  
Construímos paixões, construímos ideias e construímos cultura.  
Porque a cultura não é a redutora expressão de um povo, de uma forma de estar e de ser.  
A cultura é esse povo, a cultura é identidade, a cultura é constante construção.  
Não é fácil definir uma alma nem ouvir o que fala o nosso coração, mas, neste grupo, somos o que fazemos:  
Uma cultura de construção que constrói cultura.

- Engenharia & Construção •
- Ambiente •
- Telecomunicações •
- Energias Renováveis •
- Ventures •
- Imobiliário •

[www.dstsgps.com](http://www.dstsgps.com)



# Sumário

## 2 SEMIBREVE EDITORIAL

## 3 O OLHAR DE UMA NOVA DIREÇÃO

## 4 SINFONIETTA GERAL

4 A Música da Viagem

## 6 CONSONÂNCIA ASSOCIATIVA

6 A Música no mundo da Globalização

## 7 TUTTI ALUMNI

7 Associação de Estudantes ao serviço do CMCG

## 9 ESTÁGIO DE ORQUESTRA

9 Jean Sebastien Béreau

## 10 ENTREVISTA

10 Mário Laginha

## 14 MUSICAL

16 Os quatro criativos

19 Porquê, um musical?

## 20 HISTORIAL

20 Maria de Lourdes Álvares Ribeiro

21 Concerto da professora Kiki em 1972

## 22 A MÚSICA NO MUNDO GLOBALIZADO

22 Globalização Cultural! O que é isso?

22 Por uma outra globalização

23 Um português no mundo: GASPAR FERNANDES

24 Uma visão sobre o fadista Ricardo Ribeiro

25 Daniel Paredes entrevista Ricardo Ribeiro

26 A música na era da globalização

27 O mundo ligado através da música

28 A Universalidade do fenómeno de TAIZÉ

## 30 EFEMÉRIDE...FOI HÁ 50 ANOS

30 Sobre o álbum “Revolver” dos Beatles

32 Concerto de “Cammera col Violoncello Obbligato” de Fernando Lopes-Graça

## 34 GRANDES GULBENKIANOS

34 Diana Vinagre, violoncelista

## 36 MINIMÚSICOS

36 Os Migrantes e os Refugiados

## 38 PEQUENOS CRIADORES

38 A minha cidade de Braga

39 O Cavaleiro da Dinamarca

40 Catedral

40 Animais

40 O dia mais feliz da minha vida

## 41 ENTRENOTAS

41 II Masterclass de harpa com Lisetta Rossi

42 Música para todos: ciência da computação de mãos dadas com a Musicografia Braille

42 Programa de Educação para a Saúde (PES)

42 A escola ao serviço da Educação para a Cidadania

44 Atividades no âmbito do Projeto Eco-Escolas

45 A disciplina de HGP de mãos dadas com o Projeto Eco-Escolas

46 Atividades da Biblioteca Escolar

47 Prestação dos alunos no Desporto Escolar

47 Fernando Ribeiro

49 Ensemble de Clarinetes e Classe de Clarinetes do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga

## 50 EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

50 Social e Ecologicamente Sustentável

# Semibreve Editorial

João Tiago Magalhães, Diretor da Revista Entrepautas

Quando vim para este Conservatório, era Braga uma cidade um pouco distante da vida musical que se processava sobretudo no Porto e em Lisboa. O meu desafio era dar a conhecer aos alunos a música que se fazia por esse mundo fora. Ainda lhes emprestei muitos CDs para ouvirem música clássica, e também jazz ou música contemporânea.

Uns anos mais tarde, era minha preocupação fazer ver aos alunos finalistas que não havia só ensino superior em Portugal mas que era igualmente possível concorrer às melhores escolas europeias. Ainda não havia a total consciência de que isso não era assim tão complicado. Mas os tempos mudaram e muito rapidamente! Aquilo a que chamamos Globalização entrou nas nossas vidas mais depressa do que imaginávamos. Este ano, já tive alunos que me trouxeram novidades de Lisboa, Paris e de Hamburgo! Nesta edição apresentamos uma reflexão, precisamente sobre a música neste mundo atual que é diferente de há dez e de há vinte anos.

Faz parte da atualidade a tragédia dos refugiados. A pergunta que se coloca é se essa tragédia se passa lá longe, onde nós não temos nada a ver com isso ou se, apesar da distância de milhares de quilómetros, não serão as vítimas, de certa maneira, nossos irmãos e nossos familiares. A crise dos refugiados entra nas nossas casas através da televisão, e por isso, nas nossas vidas. Os alunos que frequentam a primária trabalharam com os professores este tema. E o resultado é perturbador. As crianças já têm consciência do que se passa. Seleccionámos alguns textos e desenhos que, seguramente, não nos deixam indiferentes.

Esta edição tem ainda alguns momentos engraçados e fascinantes. São partilhas que fazemos com a nossa comunidade gulbenkiana. O desafio agora é ler. Neste mundo global, uma das suas particularidades é a informação através da internet. E com ela, uma estranha preguiça de ler em suporte de papel se apodera de nós. Para usufruir completamente da revista Entrepautas é necessário estar relaxadamente sentado, em silêncio e ler, ler, ler.



Maria Gomes, 1ªA

# O olhar de uma nova Direção

*Direção do CMCG*

De expectativa e de crença que tudo vai correr pelo melhor...

De curiosidade sobre tudo e todos os que entram e saem pela porta da direção...

De entusiasmo sempre que o dia corre bem ou vem uma boa nova...

De nervoso, de tensão, de irritação, de preocupação ...

E, por vezes, de desilusão, de cansaço e de desespero!

Não há o prometido, o reclamado, o mendigado, o absolutamente necessário!

Não há condições de trabalho para que este seja sério, seguro e sadio.

A escola está a chegar ao seu limite de esforços para manter o essencial o que, para muitos, representa o fracasso do sistema educativo e para outros o sucesso de uma organização que consegue cumprir as suas metas e objetivos sem pessoas, mas com recursos atentos, interessados e trabalhadores.

A escola está indisciplinada, sobrelotada, suada e difícil. Muito difícil de gerir, organizar, limpar, administrar, articular, controlar...

Esta é a escola que temos, mas não é com certeza a escola que queremos. Esta é a escola que sentimos, mas não é a que construímos no dia-a-dia.

Dizem uns – pelo menos há um bom ambiente de trabalho, um bom clima de escola! Como? Não diz o ditado que “casa em que não há pão, todos reclamam e ninguém tem razão”? É o que acontece na escola. Todos reclamam: os alunos, os pais, os professores, os funcionários e a direção!

Mas é consensual que o comportamento dos atores da comunidade educativa (trabalhando para o sucesso) contradiz o juízo crítico generalizado dos mesmos (a escola não tem condições).

A forma como as famílias olham a escola e o papel que lhe atribuem também é determinante na forma como a sentimos. Há pais que esperam que a escola seja, para além do local das aprendizagens e aquisição de competências pessoais e sociais dos seus filhos, o local de proteção durante o dia porque trabalham longe ...

... que a escola os leve ao hospital quando estão doentes, porque eles (os pais) têm de trabalhar...

... que a escola lhes dê de comer, mesmo que não marquem a refeição, porque o trabalho é muito e não se lembraram desse pequeno pormenor...

É nesta azáfama de consolações e desolações que todos os dias pisamos o chão do Conservatório. Cabeça erguida, andando calmamente e com dignidade. Podem entrar. A porta está sempre aberta.



# Sinfonietta Geral

## A Música da Viagem

Ricardo Silva, presidente da Junta de Freguesia de S. Victor



Num mundo com tantas assimetrias, com várias línguas e diferenças culturais, torna-se pertinente encontrar fatores comuns que, sem perder a identidade, nos aproximem e estreitem laços de cooperação.

A música tem esse dom de unir vários interlocutores, independentemente do seu ponto de origem ou da sua profissão.

Alguns dos jovens portugueses, quando viajam sozinhos, pela primeira vez, para o estrangeiro, temem não ter capacidade de diálogo ou de se fazerem entender. Apodera-se deles aquele nervoso miudinho que faz duvidar se saberão encontrar a morada para onde têm de ir ou se irão conseguir fazer o exame escrito numa língua totalmente diferente.

Além da tarefa de fazer a mala, torna-se necessário encontrar uma boa *playlist* para colocar no mp4 ou no telemóvel, para que a viagem seja feita com o melhor som, aquele que relaxa e acalma as ideias.

Quando o jovem viajante coloca os auriculares nos ouvidos, prime o botão *play* e respira fundo. Deixa-se perder em mil pensamentos, fecha os olhos e vai cantarolando baixinho, ou para si mesmo, aquela música que, melhor que um medicamento, toca no coração, afasta a adrenalina e pacientemente invade o corpo e permite uns momentos de descontração. Essa música, na língua materna ou em qualquer outro idioma, auxilia o espírito, mas não só. Enquanto é cantada, os lábios treinam a dicção, disciplina-se a respiração e repete-se a letra vezes sem conta, como que uma aprendizagem espontânea de um idioma que ou nos é familiar ou se torna familiar.



Chegado ao local de destino, o jovem viajante, retira os auriculares e deixa-se invadir pelos novos sons locais. Se estiver em Roma, ouve as melodiosas sirenes dos carros de polícia tão rápidas quanto o falar italiano. Se estiver em Paris, ouve uma língua cantada, que dizem ser das mais românticas da Europa. Se estiver em Londres, pode ouvir as águas do Tamisa que se envolvem no sotaque britânico. Se o local de destino for Berlim, o som dominante será mais carregado pelo cerrado falar da língua alemã.

Se o jovem estiver em Moscovo, Budapeste, Pequim, Tóquio, Cairo, as palavras poderão soar a onomatopeias que mais parecem a reprodução de vários sons.

Se o primeiro impacto num país estrangeiro é fascinante, o segundo pode ser de pânico...”como me vou safar?” – pensa o jovem, agora que tem de falar com outras pessoas. E, neste instante, lembra-se que, durante a viagem, vinha a ouvir uma música que começava com “Hello”. E automaticamente, o jovem reproduz o cumprimento. Respira de alívio ao perceber que a música o ajudou. E porque cantou tantas músicas que reproduzem conversas e cenas do quotidiano, o jovem sente-se confiante para prosseguir o diálogo.

Os jovens têm a fácil capacidade de se adaptarem e, quando estão num país estrangeiro existe a tendência a promover verdadeiros intercâmbios culturais, relembrando “as coisas” que caracterizam a sua nação. O jovem português lembra o bacalhau (e até essa data, o jovem até nem gostava de bacalhau, mas passou a apreciá-lo de outra forma), fala do Cristiano Ronaldo e introduz o folclore e o fado. No folclore, o jovem Minhoto até dá uns passinhos desajeitados para mostrar como se dança o vira ou o malhão. Quando tenta explicar o fado, afirma que não há nada igual no mundo, nem forma de traduzir. O fado é património e é português.

Mas há tempo para falar de músicas e de músicos, lembrando aqueles mais icónicos e emblemáticos.

Enquanto o jovem fala do que “é seu”, os jovens estrangeiros, que estão com ele, também falam dos seus países, da sua gastronomia, das suas tradições culturais e, claro, das suas músicas e danças.

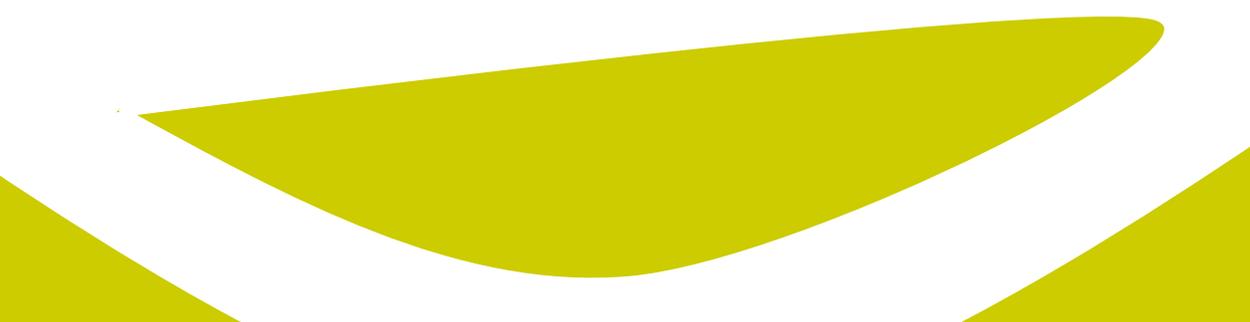
Quando o Jovem Português volta à sua cidade, vem muito mais enriquecido e confiante. Se sobreviveu num país com uma língua diferente, agora sente-se com coragem para ultrapassar todos os obstáculos que, até aí, achava insuperáveis.

Anos mais tarde, este Jovem Português, agora já investido como “Senhor Português”, por motivos profissionais, tem de se deslocar ao estrangeiro.

A viagem já não lhe causa pânico, mas mantém os seus auriculares como forma privilegiada de ouvir boa música. Quando o “Senhor Português” chega ao seu destino, antes do fechar o negócio, é convidado a assistir a um momento musical de elevada qualidade. O “Senhor Português”, que já era um homem experimentado no mundo dos negócios, pensava para consigo que a música estava sempre presente, fosse nos momentos “sérios” dos negócios, nas conferências, nos debates, nos *workshops*, etc, etc. Mesmo estando num país em que não percebia o idioma nativo, ao assistir àquela música, deixou-se invadir por uma série de sentimentos e de emoções.

Compreendeu que a música não tem nação, nem necessita de idiomas, pois, pela expressão como foi interpretada, ele não só percebeu o seu contexto, como a sua mensagem, enfim, ele sentiu a música.

Entendeu que a música é fator global, que une as populações, apesar do carácter identitário que possua. Pela música marcamos os momentos da nossa vida, permitindo associar memórias que construam o nosso ser. A música não surge por magia, mas é mágica quando a deixamos construir pontes de contacto entre todos os povos do mundo.



# Consonância Associativa

## A Música no mundo da Globalização

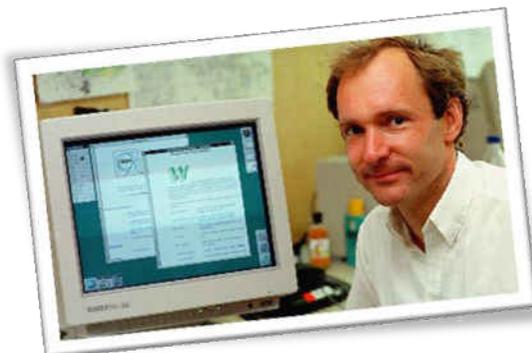
Armando Gama Ribeiro, Presidente da Associação de Pais e Encarregados de Educação do CMCG

Tempos loucos estes, onde a mundialização e uniformização dos sistemas de comunicação fazem com que duas pessoas possam almoçar uma em frente à outra, estando uma em Portugal e a outra num lado qualquer dos Estados Unidos ou outro país do planeta, bastando para isso que os dois tenham um dispositivo de última geração, tablete, computador ou mesmo telemóvel e que estejam em zona de “cobertura da rede”. Tempos loucos estes, onde em segundos, nos conseguimos “ligar à rede” e assim comunicar muito para além das fronteiras criadas pelo homem. Tempos loucos estes, onde um indivíduo qualquer que tenha capacidade para criar, pode-se pôr ao dispor do mundo e assim ser avaliado e, se agrada, passar do anonimato ao estrelato num instante, bastando para isso “postar na rede”. Tempo louco este, onde todos andamos a mil, quando somos nós mesmos um ser limitado no tempo pois não aguentamos mais de quatro horas sem termos de reabastecer energias. Precisamos de parar várias vezes ao dia para respeitar as necessidades físicas, temos que parar para descansar, no mínimo oito horas por dia, enfim, em tempos loucos de globalização, criada pelo homem, onde o homem se vê cada vez mais como o elemento com mais limitações.

A história mostra-nos que a Música já há muitos séculos conseguiu atingir a globalização no tempo em que as barreiras eram tantas que, nos dias de hoje, é difícil mesmo imaginar. Mas a música, desde sempre, foi o suporte para tudo, a sua importância fez com que estivesse presente desde as festas mais luxuosas das classes mais altas, até às tabernas mais manhosas e recônditas que se possa imaginar. Esteve presente quando os militares ganharam as batalhas, bem como foi o acompanhamento do ritmo das marchas dos que, ao caminharem para as batalhas, iam ao encontro da morte, tendo como única companheira nesse momento derradeiro de desapego a este mundo, a música. Esta capacidade de globalização teve, como base, dois pilares essenciais: a capacidade de registo e a uniformização de registo desta linguagem que é a música.

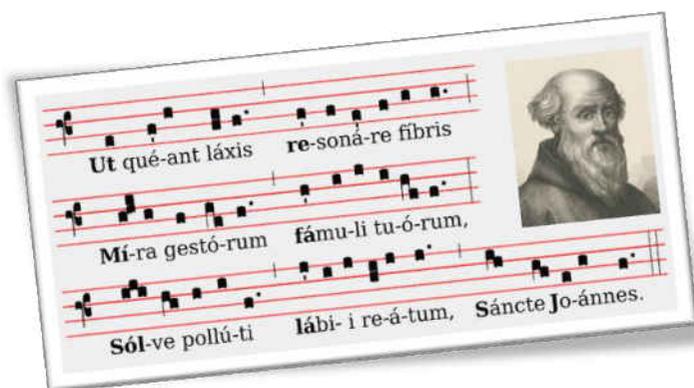
A Pauta está para a música como a World Wide Web (termo inglês que, em português, se traduz literalmente por “Teia mundial”), também conhecida como Web ou WWW, é um sistema de documentos hipermédia que são interligados e executados na Internet.

Tim Berners-Lee foi o criador da World Wide Web, Guido d’Arezzo foi o criador da pauta.



A necessidade de criar um sistema de comunicação transversal que desse a capacidade de intemporalidade da “criação criativa” de quem compunha, respeitando a vontade do criador, fez com que se fossem desenvolvendo sistemas de unificação da forma a representar-se essa mesma criação. Poder-se-á mesmo dizer que foi a necessidade de preservar a criatividade de quem criava (compunha), que deu origem à criatividade de poder passar do processo de evolução da pauta que consistiu na passagem da intuição para a abstração.

Guido d’Arezzo teve a qualidade de se demarcar dos sistemas convencionais da altura e de forma criativa sistematizar o pentagrama onde conjugava a abstração, cinco simples linhas, com a definição de regras atribuindo a cada um dos espaços a



representação de uma nota. Criou assim a base que fez com que, até aos dias de hoje, se continue a criar e preservar graças à criatividade de um grande criador.

Em resumo, o caminho da globalização pode ter, no caminho percorrido da música, um exemplo de globalização que já vem dos tempos em que as dificuldades deixavam de o ser, bastando para isso a genialidade de alguns que teimavam em pensar diferente, não se deixando seduzir pelas dificuldades como desculpa para não fazer e pensar de forma diferente e fazendo com que tudo acontecesse...

## Associação de Estudantes ao serviço do CMCG

Aurora Miranda, 12<sup>ª</sup>A

Querido colega,

Sou a Aurora, aquela rapariga um pouco tonta com que te cruzas todos os dias, cá na escola...

Diz-te alguma coisa? Acredito que não, mas não tem mal. Farei por me apresentar com o que acho necessário para a carta informal em questão.

Então, sou a vice-presidente da Associação de estudantes do CMCG que sofreu novas alterações este ano, visto ter-se aberto um novo processo eleitoral ao qual se candidatou apenas uma lista - a lista A. Ainda assim, foram feitas eleições porque seria sempre necessária a metade dos votos a nosso favor. Até aqui tudo correu muito bem: as papeladas e burocracias que têm de ser feitas, a própria campanha e o conseqüente interesse por parte de muitos alunos que nos deixou entusiasmados para prosseguir com todo o trabalho que restava. Tudo OK! No entanto, para nosso espanto, muitos alunos não foram votar e é mesmo sobre esta falha grave que te quero falar.

Como deves calcular, não sei se votaste ou não, mas a advertência que tenho a fazer vale em ambos os casos e espero que, enquanto tua amiga, me prestes atenção: a AE depende de cada um dos alunos que já possa votar para que, eleita por vontade da maioria, possa desempenhar as suas funções. O que nem todos sabem é que o seu próprio voto faz a diferença e, por vezes, por comodismo ou pura preguiça, deixam de exercer os seus direitos e deveres, pondo em causa o melhor funcionamento da escola à qual tantas "condições" são depois exigidas. Este ano, a situação era realmente especial por só haver uma lista, mas o teu voto contou na mesma! Lembra-te de que votar em branco também é votar (dizendo que nenhuma das alternativas que te dão é do teu agrado) ...já fazer desenhos e deixar comentários desnecessários só contribui para o número de votos nulos. Não te vou "chapar", ao certo, o número avassalador de alunos que ficaram por votar. Se calhar, até foste um deles ou não e, nesse caso, parabéns, mas deixou-nos a todos os que estavam envolvidos no processo eleitoral muito chocados com o desinteresse dos alunos perante os seus próprios assuntos. Sim! Porque a AE só existe por ti, aluno que és! Não faz sentido existir uma Associação de ESTUDANTES se não for pelo maioritário interesse DOS ESTUDANTES...não te parece?

E bem, não quero ser muito mais chata do que isto. Deixo só o apelo a que, daqui por diante, seja nas eleições para AE, seja nas próximas eleições presidenciais, votes! Vota por ti e por todos aqueles a quem queres bem! ...De qualquer forma, estive a falar com os restantes membros da AE e comprometemo-nos a ajudar-te e a trabalhar por uma melhor organização e cumprimento dos teus direitos mesmo que saibamos que não cumpriste com o teu dever. Tudo bem, todos temos direito a errar... Agora, não te voltes a "esquecer" de votar, sim?

Um mega-abraço amigo/a. Vemo-nos amanhã, algures num corredor.





**JEAN SEBASTIEN  
BÉREAU**

# Estágio de Orquestra

## Jean Sebastien Béreau

*João Tiago Magalhães, Acompanhamento e Improvisação*

Na semana de seis a doze de julho de 2015, realizou-se o quarto estágio de orquestra, com a participação dos nossos alunos, ex-alunos como chefes de naipe das cordas e alguns alunos vindos doutros conservatórios. Maestro? Jean Sébastien Béreau. Um maestro francês?! É verdade. Após uma intensa vida musical como maestro e professor e diretor dos conservatórios de Metz, Rouen e Strasbourg, seguiu-se um romance feliz com a exímia pianista portuguesa, Ana Telles, e veio viver para Portugal, dando a oportunidade aos músicos portugueses de se enriquecerem com a sua imensa sabedoria e experiência. Que o digam aqueles que participaram no Estágio. A Entrepautas teve a ocasião de o entrevistar, após o concerto final no Theatro Circo. Começámos por lhe perguntar a influência que tiveram os grandes músicos com quem estudou e trabalhou.

**“-Tive a sorte de começar a minha profissão muito jovem em Paris e tive, como professor, Louis Forrestier, que era o maestro principal na Opéra. Tinha um conhecimento extraordinário. É certo que não fez uma carreira internacional, o que não diminui, todavia, as suas qualidades. Foram as circunstâncias. Como sabe, por vezes, algumas pessoas têm circunstâncias favoráveis e outras não. Tive, sem dúvida, um mestre formidável e, como era jovem, aprendi tudo com ele. Ensinou-nos a observar a mão esquerda do pianista, o arco do violinista ou do violoncelista, a respiração do cantor, etc.”**

Mas a partir daqui a minha emoção fez-me acelerar o coração. Para quem gosta da música do sec. XX e lê habitualmente sobre essa época, falar com Jean Sébastien Béreau é ter à nossa frente, bem vivo, uma figura da história.

**“Ah, Francis Poulenc... conheci-o quando tinha nove anos... posso dizer que foi um pouco como um padrinho...”**

Ficámos sem tempo para saber essa história do padrinho... Mas também foi aluno de Olivier Messiaen.

**“Tinha imensa admiração por Messiaen, era um personagem fora de comum.”**

A sua esposa Ana Telles ainda teve aulas de piano com a mulher de Messiaen, Ivone Lorient ( Ah que privilégio!)

Foi também aluno e amigo de Darius Milhaud, de ir a casa dele. Deste, confirmou-nos que era uma pessoa encantadora. (Do grupo dos seis, não era nem Satie nem Jean Cocteau que os unia, mas sim, Milhaud...)

**“Conheci Leonard Bernstein, aquando de um estágio em Fontainebleau. (...) Eu tinha preparado os alunos, a orquestra e**

**ele fazia as masterclasses e, em seguida, comíamos juntos o tempo todo. Ele tinha uma cultura gigantesca. Era capaz de citar cenas completas de Racine, o que para um francês era absolutamente...”**

Impossível...

**“Uma vez citou uma cena de Bazajet, que é uma obra que já não se representa... pelo menos eu nunca a vi... Bazajet é uma das obras de Racine que é interessante, mas não se representa. Ora, ele conhecia fragmentos inteiros em francês da época de Racine e conhecia fábulas de La Fontaine como nenhum francês as conhece.**

(...) No final do estágio, disse-me “Vens comigo para Schleswig-Holstein, este ano?” E eu aceitei sem pensar. Ele morreu três meses depois.”

Não foi possível ir?

**“Foi terrível. As pessoas de lá telefonaram para dizer que Bernstein lhes tinha falado de mim e que queria que eu fosse com ele. Disseram: “ Como sabe, ele morreu. Aceita vir? Sabe que agora é Rostropovich quem dá as aulas?” E eu disse que não. Admiro muito Rostropovich como violoncelista, mas como chefe de orquestra, não.”**

Béreau continuou, sempre com uma admiração incondicional a Leonard Bernstein, mas também falou-nos de Jacques Ibert, Charles Munch, Pierre Boulez.

No fim, ainda fomos jantar com ele. A Carolina Picas, eu e o Prof. Serafim, a um restaurante vegetariano.

**“Je suis végétarien. Pas de cadavres!”**

A conversa prolongou-se por mais algum tempo, com direito a fotografia.

Mesmo que a entrevista não diga muito, podemos no entanto receber uma lição de vida. Com oitenta e um anos, fala do seu Amor com paixão e do seu filho pequenito que, do que gosta, é de jogar à bola. A viver num país estrangeiro onde não conhece a língua, vegetariano, compositor de música com eletrónica. Irra! Um homem destes dá que pensar!

De seis a doze de julho temos então o V Estágio de Orquestra no Conservatório, desta vez com Jean Marc Burfin. Outro francês. Vive em Portugal há mais de vinte anos, é professor na Academia Superior de Orquestra e é maestro titular da Orquestra Académica Metropolitana de Lisboa. Estou certo de que vai ser sensacional!

## Mário Laginha

*Entrevistado pelos alunos Luana Ramos e Rui Godinho, 11ºB*

**Entrepautas: Como surgiu o gosto pela música, sabendo que na sua família há interesses por várias outras áreas culturais?**

**ML:** Pois, ... acho que isso foi uma coisa minha, pois os meus pais, não sendo músicos, tiveram a preocupação de que os filhos conhecessem as três linhas mestras da educação que é o conhecimento geral, enfim, a "escola normal", as artes e o desporto. Eu comecei a fazer ginástica aos três anos de idade, comecei a tocar piano aos cinco e sei que a minha mãe me contava que (eu tenho um irmão mais velho) eu tocava com muita facilidade as músicas, cantava as músicas muito afinado e, por isso, ela achou que eu tinha muita facilidade. Depois, os meus pais compraram-me um piano e eu gostava muito de tocar, portanto acho que foi daí que tudo partiu. Dava-me muito prazer tocar, não havia telemóveis, não havia jogos que nos distraíssem e o meu divertimento era tocar e isso fez-me estar muito focado, o que pode parecer espantoso pois atualmente os tempos são muito diferentes. Há mais distrações. Passou pouco tempo, quero dizer, passaram cinquenta anos e cinquenta anos na história do planeta não é nada, não é? O facto é que aconteceu muita coisa nestes cinquenta anos, por exemplo, (sei que já estou a dizer muito mais do que a tua pergunta pede, mas tem graça), sei quando os músicos jovens estão interessados e são impecáveis e tocam bem e tudo mais, quando está um grupo a tocar e metade dos espetadores estão a olhar para um telemóvel e não conseguem parar de o fazer... A ideia de estarem quietos sem estarem a ser distraídos com qualquer coisa nem sequer lhes passa pela cabeça. Eu tenho filhos, portanto sei do que estou a falar...Estou, por exemplo, a ensinar uma técnica, quero dizer, é óbvio que aquilo que digo e faço interessa aos ouvintes, mas quando não lhes interessa diretamente perdem o interesse e, como perdem o interesse e não podem estar sem ocupação, olham para o telemóvel, por exemplo. Estão ao lado a ver a coisa, tipo "olha, já viste isto no youtube?" ou "Olha, já viste tal?" e "Já sabes isto?". Deve ser mais ou menos isto o que dizem uns aos outros. Até pode ser em relação à música mas, no fundo, eu estou ali a falar de uma coisa e eles estão noutra! Até que lhes diga "Olha, agora é a tua vez" e aí é que eles vêm. É, são tempos diferentes dos meus!...

**Entrepautas: Foi considerado um menino prodígio desde muito novo. Acha que é um privilégio ou não?**

**ML:** Bem, do ponto de vista de ter tido facilidade e de me terem proporcionado as condições que me permitiram ter enveredado por

esta carreira, acho que foi um privilégio, mas onde é que está a fronteira entre menino prodígio e uma pessoa que tem talento e que estuda? Eu não sei bem, de facto, não havia muitas pessoas que tocavam com dez anos como eu tocava e com a facilidade que eu tinha, compunha e improvisava. Tinha, realmente, muita facilidade, mas pronto, agora não estou a falar do meu caso pessoal, acho que menino-prodígio é alguém que é mesmo muito, muito, mas muito diferente dos outros. Isso tem aspetos positivos e negativos, quero dizer, também é uma espécie de cruz que se tem de carregar às costas. Lembro-me de que, quando chegava o sábado de manhã (estava numa escola que tinha muitas atividades paralelas), e os meus amigos todos iam brincar, eu tinha sempre que ir tocar ou cantar num coro ou acompanhar alguém que ia tocar flauta e, portanto, acabava por não ter direito a fazer o mesmo que os outros. Eu era uma criança à mesma e gostava de brincar, fazia ginástica e gostava de outras coisas. Portanto, ser considerado prodígio tem um lado positivo mas, às vezes, cria uma pressão constante em cima de nós e isso pode ser... quero dizer, há quem lide bem e há quem lide mal com esse facto.

**Entrepautas: Já compôs e trabalhou em vários géneros musicais, mas em qual acha que se enquadra melhor?**

**ML:** Eu acho que a minha trave mestra é o Jazz. Quem diz Jazz, diz música improvisada. Acho que quando componho muita dessa música há sempre um espaço para que possa improvisar nalgum momento. Mas, na realidade, acho que uma das coisas que me caracteriza como músico é que gosto de muita coisa e não gosto de me sentir apertado numa ideia de estilo, portanto quando há coisas que eu gosto deixo que elas me influenciem. Gosto de música brasileira e acho que tenho algumas influências da música brasileira. Gosto da nossa tradição portuguesa. Há muita coisa de que eu gosto que me influencia também, como por exemplo a música africana, toda a música clássica que eu estudei e que eu adoro também e que oiço quando posso. Há ideias que me surgem para temas que eu não tenho dúvida nenhuma que se não tivesse ouvido o Prokofiev ou o Bach, ou o Ravel, ou o Beethoven, ou o Mozart, não conseguiria construir. Portanto, acho que é um bocado disso, acho que há uma trave mestra, estou mais perto do Jazz do que de outra coisa qualquer, mas depois também tenho muitas influências e, de vez em quando, faço música que eu não sei dizer "Isto é Jazz", "Isto é música world", sei lá... É a minha música.

**Entrepautas: Então, como iniciou os estudos na formação clássica e o que o fez mesmo seguir o Jazz?**

**ML:** Não foi bem assim, foi meio misturado. O meu trajeto de estudo de piano não é lá muito convencional, porque eu comecei por ter aulas com uma professora que ia lá a casa, coisa que agora se usa menos, mas na altura havia muito, e era uma professora que me ensinou uma mistura de bases, que tinha a ver com o clássico que eram o Schmoll e o Hanon claro, e o Czerny e, também, exercícios que toda a gente estuda e depois, para além disso, ensinava-me umas “valsinhas” e um tango. Ensinava-me assim umas coisas diferentes e isso abriu-me, desde muito novo, um bocado a mente. Achava graça a isso e, depois, gostava de ficar a brincar com esses temas. Depois, na adolescência, quase não tocava piano, tocava muito mais guitarra e fazia ginástica desportiva de competição. Era obcecado por ginástica durante essa época. E, foi no fim da adolescência, que vi o Keith Jarrett, pianista que eu ainda hoje adoro e que me fez ficar deslumbrado. Por isso, pensei bem e concluí que tinha de voltar ao piano, tinha que tocar assim e recomecei a estudar. Quando recomecei a estudar, comecei pelo Jazz, que era coisa que não fazia a mínima ideia do que se tratava, e depois, como apoio, para melhorar a técnica, decidi inscrever-me no clássico e comecei a estudar clássico mais a sério. Aquilo começou por ser só um apoio e depois eu gostei tanto que decidi levar esse estudo até ao fim, apesar de inicialmente não ser essa a minha ideia. Estudava Jazz em casa e o estudo Clássico era através das aulas no Conservatório. Depois fui até ao fim, mas tinha sempre a consciência do que queria fazer, que era a minha música e o Jazz ou o que fosse. O clássico foi sempre uma coisa meio satélite, mas que não me larga, porque eu gosto de ambos e, portanto, sente-se a influência destes estilos na minha música.

**Entrepautas: Atualmente, qual é a sua relação com a música clássica?**

**ML:** De vez em quando toco, quero dizer, muitas vezes toco um repertório que não é bem clássico. Toquei várias vezes a “Rhapsody in Blue”. De vez em quando, convidam-me para a tocar e lá vou tocar a “Rhapsody in Blue”. Escrevi um concerto para piano e orquestra e, às vezes, toco esse concerto. Vou tocá-lo com a orquestra Gulbenkian para o ano que vem, faltam cinco meses. Só um dos concertos é que vai ser na Gulbenkian, em Lisboa. Os outros serão em vários outros sítios. Também escrevi um concerto para clarinete e orquestra e, por exemplo, agora vou voltar a tocar com o Pedro Burmester. Estamos a tocar um repertório que vai de Ravel a Debussy, passando por uma peça minha, por uma peça do Bernardo Sasseti, uma peça do João Paulo Esteves da Silva, que é um pianista amigo, e apresento, assim, um repertório misto, entre o clássico e coisas que não são clássicas.

**Entrepautas: E relativamente ao seu duo com a Maria João?**

**ML:** Continua, bem. O que se passa é que nós (as pessoas não têm consciência da quantidade) temos catorze discos juntos!

Portanto, temos um lastro grande de música e de concertos. Já houve épocas em que só tocávamos em duo, não fazíamos mais nada e acho que, tanto eu como ela, tivemos vontade de fazer outras coisas. Há gente que, por isso, pensa que deixámos de tocar. Não. Tocamos, tocamos é menos, mas tocamos. Acho que é um ritmo que faz sentido para quem já fez o que fez. Se continuássemos naquele ritmo não haveria espaço para mais nada e tem que haver espaço para outras coisas.

**Entrepautas: Qual acha que foi a razão para este ser um duo tão privilegiado?**

**ML:** Acho que, na realidade, não há muitos casos assim, porque tocamos juntos há quase trinta anos e acho que foi uma grande compatibilidade ou cumplicidade entre nós que o possibilitou. Acho que aquilo que temos em comum nos aproxima, faz com que nos liguemos facilmente e aquilo que temos de diferente também nos aproxima ou seja, muitas vezes, isso é um bocado como relações, relações afetivas entre as pessoas. Eu acho que as relações que funcionam bem são aquelas em que as diferenças também aproximam. Uma pessoa gosta de uma característica diferente noutra pessoa, “Ah, é tão diferente de mim e eu acho tanta graça a isso!” e acho que na música que nos une, na linha em que nos orientamos, a Maria João é mais extrovertida do que eu e tem uma loucura, uma boa loucura. Muitas vezes organizava aquela loucura e dizia: “Não, não podemos ir por aí!”. Se eu fosse tão louco como ela, louco nesse sentido positivo, se calhar depois a coisa ficava descontrolada e não funcionava tão bem. Então, acho que foi isso: acho que foi aquilo que tínhamos em comum e que era bom e aquilo que não tínhamos em comum e que era bom, também, que nos desafiava e nos aproximava.

**Entrepautas: Agora, entre discos e obras, tem algum que realmente tenha dado mais prazer em compor...?**

**ML:** Claro que não é fácil destacar um, mas eu olho para trás e consigo ver que há discos que me marcaram mais que outros, apesar de acontecer uma coisa: de vez em quando, há algum disco que acho que está menos conseguido, ponho-o a tocar, ao fim de algum tempo sem o ouvir e penso: “Eh pá, até que isto não está nada mau!” Mas houve uma época em que nós fizemos três discos de seguida que fazem assim uma espécie de trilogia para mim, que foi um período mágico: Um deles é o “Cor”, e isto também tem outra particularidade: antes, tocava com a Maria João, tocava no grupo da Maria João, normalmente era sempre em nome dela e eu compunha alguns temas e havia outros compositores, também. O “Cor” nasceu de uma encomenda de uma organização que foi feita para a comemoração dos descobrimentos portugueses. Chamava-se “Comissão para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses” e vieram ter connosco e pediram que nós, enquanto duo, fizéssemos um disco para comemorar esse evento, para comemorar a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama. Então, pela primeira vez fui para casa escrever música para o disco

inteiro, da primeira à última nota. Escrevi a música e, da primeira à última letra, foi a Maria João quem escreveu as letras. Como já disse, esse álbum foi o primeiro disco que era “o Duo” e era toda a música escrita por mim, era um disco absolutamente nosso, quero dizer, convidámos outros músicos mas o projeto era só nosso e foi, a partir daí, que começámos a aparecer como duo, “o Duo”. Depois fizemos, também, um disco com a Orquestra Filarmónica de Hannover a que chamámos “Lobos, Raposas e Coiotes” e, depois, um novo disco para a Comemoração dos Quinhentos Anos da Chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. Pediram-nos, então, para fazermos um disco dedicado ao Brasil. Pagaram-nos para ir aos sítios só para ter ideias, portanto fomos para a Índia duas semanas só para nos inspirarmos e fomos para o Brasil, também por duas semanas. Fomos, ainda, a outros sítios que escolhemos entretanto... e, não é que resultou? Depois, fizemos um disco com músicos brasileiros que gravámos no Rio de Janeiro. Estivemos dez dias em estúdio, outra coisa que não volta a acontecer, de certeza absoluta. E convidámos, assim, os músicos mais incríveis do Brasil e vieram todos. Quero dizer: alguns, vocês não conhecem. Conhecem os cantores, conhecem o Gilberto Gil, que cantou duas músicas, o Lenine que cantou outra, o Toninho Ferragutti no acordeão, o Nico Assunção, que era um virtuoso, no baixo e contrabaixo, Toninho Horta no Violão, Armando Marçal na percussão, tudo supervedetas. Fizemos três discos que considero muito especiais.

**Entrepautas: Relativamente à composição, o que acha que o cativa?**

**ML:** Acho que mais do que a capacidade para compor, é o compositor quem tem uma necessidade absoluta de escrever música. Eu tenho essa necessidade absoluta, sempre tive, lembro-me de quando comecei a tocar... já quando era miúdo, os meus pais diziam que estava sempre a escrever musiquinhas, “agora fiz esta, agora fiz aquela...” e lembro-me que comecei logo com vontade de fazer temas e depois ora ia estudar, (tinha dois colegas, um tocava flauta e outro tocava já não me lembro o quê) ora escrevia música para esses instrumentos e sempre fiz isto e, portanto, é mais que tudo uma necessidade, uma vontade de me exprimir através da música e criar, para além de tocar música dos outros. Tudo isso dá-me muito gozo, acho sempre que tenho de tentar fazer qualquer coisa nova e passo a vida nisto.

**Entrepautas: Em relação ao piano (sabemos que durante a adolescência tocou guitarra), o que o cativa exatamente no piano?**

**ML:** O piano é um instrumento muito completo, é um instrumento que, para além de melódico e harmónico, é rítmico e eu sempre gostei muito de ritmo e de brincar com o ritmo. Portanto, o piano satisfaz isso tudo. Para além disso, o piano é um instrumento muito orquestral, é uma boa ferramenta para quando se quer escrever para orquestra e para qualquer grupo e, finalmente, há

instrumentistas que tocam dez instrumentos e coisas assim. No Brasil há imensos amigos meus que tocam piano e tocam violão e depois confessam: “Ah, eu também toco clarinete!”, “Eu também toco...” E eu fico sempre a sentir-me um desgraçado ao pé deles, mas pronto eu não sou multi-instrumentista, basicamente sou um pianista, toco um bocadinho de guitarra, mas ... é só para tocar à volta da fogueira.

**Entrepautas: E o que diria a jovens pianistas que estejam a decidir enveredar pelo mundo do Jazz?**

**ML:** Digo a todos que acho que se quiserem ser instrumentistas, o nível de exigência, apesar de alto, possibilita algumas oportunidades no cenário musical. Se não forem bons, há sempre um período de dificuldade em arranjar trabalho. Na música, se não se for professor, há uma exigência um bocado maior, ou seja, acho que um médico mediano tem o seu emprego garantido, enquanto um músico mediano não o tem. Então, a alternativa é ser professor. Portanto, o que eu diria é que se querem mesmo ser músicos e fazer disso carreira, têm que estudar muito, têm que trabalhar muito, não há outra volta a dar. O talento é aquilo que se diz que para muitas profissões (que na música se aplica imenso) representa “5% de talento e 95% de suor”. O trabalho é absolutamente fundamental.

**Entrepautas: E tem algum projeto em mente?**

**ML:** Tenho sempre projetos em mente. Há formações (artistas, grupos) de que eu gosto muito e que vou trabalhando para elas. De vez em quando, escrevo música nova para elas. Fazem parte destes, o meu trio com contrabaixo e bateria e o meu trio com contrabaixo e guitarra portuguesa. Vou agora fazer um projeto que foi uma carta branca do CCB para outubro do ano que vem, com um saxofonista inglês e um percussionista norueguês, com quem toco com alguma regularidade. Também tenho um projeto com o Alexandre Frazão, na bateria, o Bernardo Moreira, no contrabaixo, e um cantor cabo-verdiano com quem toco com alguma regularidade e ainda estou a escrever a música. É uma formação nova e estou a achar graça ao projeto, porque a ideia de ter um cantor que também toca violão ou guitarra e ter duas percussões diferentes, saxofone, piano e contrabaixo, está a atrair-me. Se a coisa soar bem tento gravar um disco e logo se vê ... Portanto, pretendo continuar os projetos que tenho, de vez em quando continuar a tocar com a Maria João e estar aberto a participações que forem surgindo.



# WORKSHOP

## LINGUAGEM JAZZ E IMPROVISAÇÃO



Com Manuel Ferreira e Afonso Silva



Com Bárbara Resende e Henrique Ramos



Com o Prof. Romeu Costa



Com Rui Peixoto

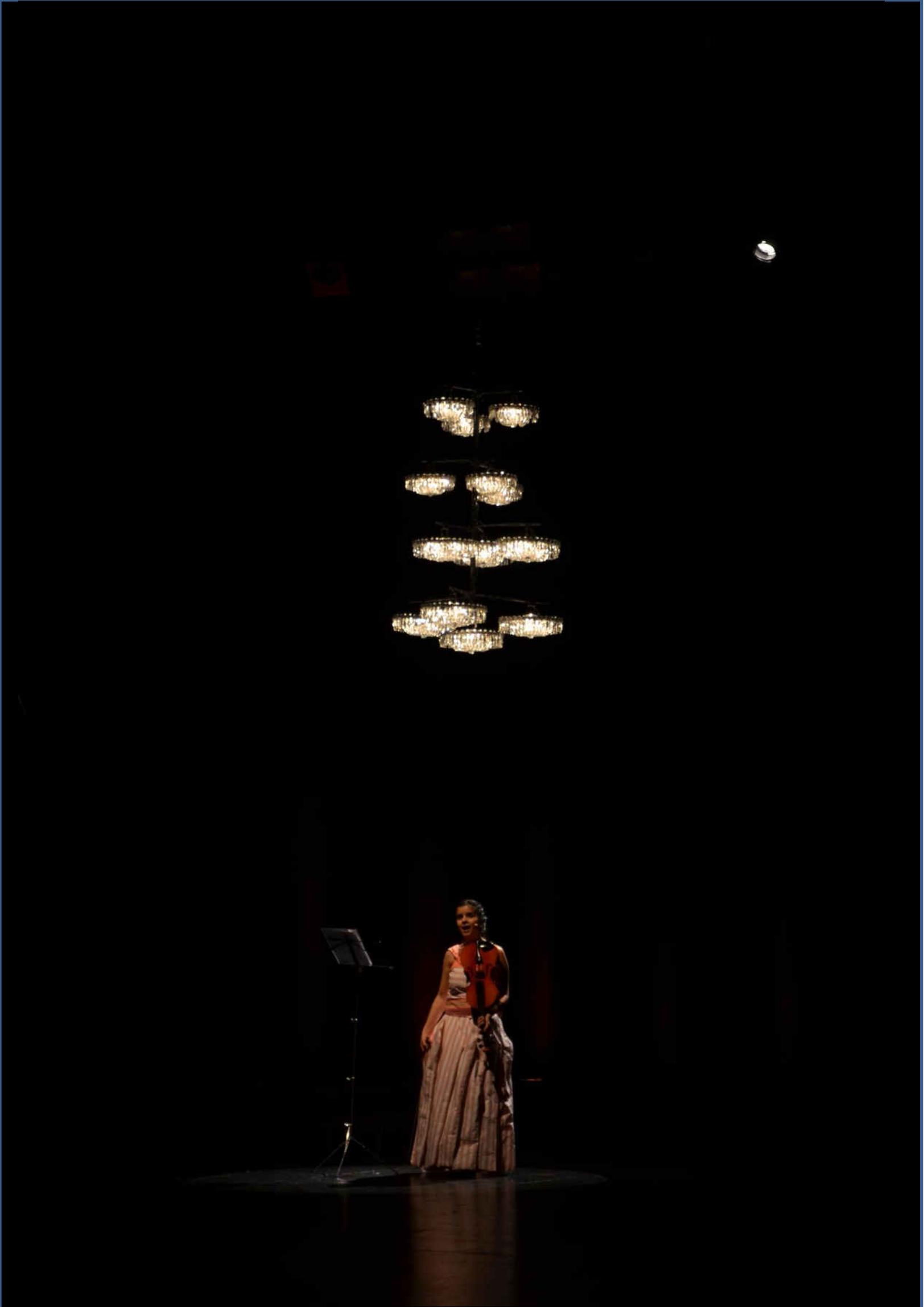


Com um dos Combos

**Musical**

# **THEATRO CIRCO: UM ENSAIO GERAL**





# Os quatro criativos

Beatriz Picas Magalhães, 12º A

Infilto-me no palco à socapa e deparo-me com o Pedro Lima de computador na mão, sentado na mobília para o espetáculo, de óculos de sol e a cabeça encostada para trás. As primeiras palavras da entrevista são: “Estas cadeiras são muito boas, meu”. A música de fundo do gravador é o Zé Diogo a improvisar no piano e que, portanto, ainda demora. O Francisco Fontes trata de o trazer para junto de nós e a Júlia Durand já está preparadíssima para qualquer assalto às suas opiniões. Estes são os quatro criativos que deram vida ao musical deste ano.

A temática baseia-se na inauguração do Theatro Circo, no contexto do seu centenário, através de um enredo que concilia personagens históricas e fictícias. A Júlia explica que “mesmo as personagens reais são uma versão imaginada delas próprias”, uma vez que, apesar de ter existido um estudo sobre o Theatro Circo e a sua história, não havia dados suficientes para criar um enredo totalmente real, sendo difícil mencionar um momento específico do musical onde se pode dizer “isto é só história, isto é só ficção”. No entanto, apesar de grande parte do Musical ser ficção, pode se dizer que a música em que a Maria da Ponte canta que o Theatro “pode ainda ver e ser tanta coisa” é uma prolepse do que iria acontecer até aos dias de hoje no Theatro de Circo.

A entrevista continua com a Júlia a confirmar que realmente, o facto de ter sido pianista e compositora, a influenciou na escrita do libreto, em momentos como o motim dos músicos revoltados que ainda agora é cantado na escola aquando de quaisquer “maus-tratos” aos alunos. Quem não se lembra do impacto de: “Os sons soam vazios quando não há condições, para tocar é preciso mais do que a melhor das intenções”?

No entanto, “apesar de o texto ter sido a primeira coisa a surgir, os compositores não se tinham que adaptar em tudo”. O Zé Diogo, responsável pela leitura do texto em música, explica que “tentaram tirar o máximo partido do texto, mas que houve um diálogo constante com a Júlia, para fazer certas alterações literárias em favor da música”.

A última pergunta à Júlia foi se a encenação da Manuela correspondia à sua própria ideia do libreto, à qual respondeu: “Era mesmo isto!”, com um sorriso de ponta a ponta das orelhas.

A batata quente passa para os compositores. A entrevista dirige-se agora ao Zé Diogo, de maneira a percebermos de que forma é que ele se inseriu no projeto. Após a proposta feita pelo Pedro e pelo Francisco ao Conservatório para a realização deste Musical ter sido aceite, a amizade entre os três tornou o Zé parte do projeto. Pelas palavras do próprio: “Meti-me demasiado até que já estava dentro!”.

Para o Zé Diogo, pianista de jazz, a improvisação foi a base para a sua composição, por ambas lidarem com as mesmas ferramentas. “Na improvisação, setenta por cento do que se toca, recorre-se ao ouvido, o que é meio caminho para a composição, uma vez que, em contacto com um texto, começa-se a ouvir sons concretos.”

O Zé teve grande influência em quase todos os números musicais. A sua função era “olhar para o texto e fazer um esboço, ou seja, saber para onde caminhavam os números e as melodias, o que depois seria filtrado pelo Pedro e pelo Quico”. Para além desta parte musical, o Zé Diogo imaginou características da personalidade das personagens principais, Jacinto e Eurídice, que pudessem ser transportadas para música, através de uma metáfora. A Eurídice teria uma identidade muito feminina, vendo “as montanhas” sem as conseguir tocar, por ser demasiado perfeccionista. Por outro lado, o Jacinto faz de tudo para conseguir tocar “nas montanhas”, mesmo que de forma desajeitada.

A palavra passa para o Francisco, que explica que foi possível trabalhar em conjunto através do elo entre todos, que era o Zé Diogo, mas também pela confiança que ambos os alunos de composição tinham um no outro e naquilo que cada um fazia para cada número. “Este foi um trabalho pensado para ser realizado em conjunto desde o início”, sendo que todos podiam opinar sobre o trabalho de cada um. “As coisas foram muito orgânicas”, continua o Quico, porque trabalhavam os três na mesma sala e ouviam sempre as composições de cada um, o que tornou mais fácil recuperar material uns dos outros. No entanto, para qualquer um deles, foi a primeira vez que compuseram para uma formação tão alargada!

Como a cena sugeria mudanças musicais abruptas, o trabalho foi fácil de dividir pelos compositores. Nas cenas que sugeriam continuidade, era o mesmo compositor a escrever. O Francisco explicou que “é preciso ser flexível e acima de tudo, ter alguém em quem confiar para fazer o trabalho” o que, segundo o Pedro, foi possível pelos “dezasseis anos que estudaram juntos, terem gostos musicais semelhantes, viverem juntos em Lisboa, terem seguido caminhos próximos, embora singulares, e o facto de conhecerem esses seus caminhos.”

O objetivo era soar a “um todo”, todavia, não queriam escrever de forma igual, sendo que a diversidade surgiu naturalmente, por “terem dado o máximo em coisas diferentes”.

Em termos das vozes escolhidas para este ano, embora algumas tivessem sido imaginadas previamente, os alunos que encontraram permitiram-lhes seguir caminhos diferentes dos iniciais, como o facto de no final terem sido oito vozes femininas e duas masculinas, ao invés de cinco vozes de cada sexo.

Quando se ouve o Musical, nota-se um grande número de efeitos e de protagonismo dos sopros. Essa particularidade deve-se ao facto de ambos os compositores terem feito o 8º grau de um instrumento de sopro, o Pedro clarinete e o Francisco trombone, estando mais familiarizados com esses instrumentos. Acrescenta-se o facto de haver uma maior adesão dos sopros e percussão à música contemporânea do que as cordas, o que os fez compor mais vezes para esses instrumentos. O Francisco confessa que sabe logo como soam certas ideias nos instrumentos de sopros, algo que não acontece com tanta frequência nos instrumentos de cordas. Segundo os compositores, “os instrumentistas de cordas são mais fechados”, porque têm muito repertório até ao romantismo, e estão mais ligados a um repertório académico e canónico, do qual a música contemporânea não faz parte.

O tema da entrevista passa a ser a música da segunda metade do século vinte em diante, chegando-se à conclusão de que, por vezes, o primeiro contacto com a música contemporânea é um choque, mas que isso se deve ao facto de a ouvirmos tarde de mais. O Zé Diogo defende que “o que ouvimos numa certa idade influenciar-nos-á muito no futuro” e que, por esse motivo, deve haver uma educação infantil nesse sentido, uma vez que, “as crianças conseguem interiorizar a música mais facilmente por não terem palas, nem nos olhos, nem nos ouvidos”.

Este foi um ponto que eu considero muito importante e ao qual devemos dar a atenção necessária, se não, “chegamos à Universidade e não passamos de um concerto de Brahms, só o concerto de Brahms”. Um segundo ponto, é sabermos apreciar a música dos nossos dias e a música portuguesa, aprendendo a alargar o nosso horizonte musical e intelectual.

Entretanto, o tempo passa, as vidas mudam, os projetos são outros, mas ainda se ouvem melodias conhecidas aqui e acolá, os professores a dizer “concordo”, a audição das expressões “muito belo teto com ninfas e estrelas” nas escadas, “lá por ser atriz” nos corredores, “se eu não me mostro é só porque os outros me mostram de mais” entre conversas e permanece o respeito e admiração pelos ex-alunos da escola, que se tornaram referências e mais do que isso: mostraram que, se trabalharmos, podemos fazer coisas maravilhosas e que serão, mais tarde, respeitadas e admiradas pelos outros!

Não poderia deixar de referir que o Musical deste ano foi APROVADO!





# Porquê, um musical?

Beatriz Magalhães, 12º A

Ao fim de tantas edições do Musical, penso que é necessário refletir sobre o “porquê” de se manter este gigantesco projeto.

Devemos admitir que, no tempo de montagem do Musical, há disciplinas que ficam com matérias atrasadas, há menos tempo para estudar, há muitos ensaios e o cansaço desgasta alunos e professores envolvidos.

No entanto, a verdade é inconfundível! Cria-se um projeto muito próprio e único, que traz uma quantidade exorbitante de público todos os anos! Público esse, composto não só pelas famílias e amigos de todo o elenco, como por alunos, professores e funcionários desta e de outras gerações, o que dá um caráter quase atemporal ao espetáculo.

Mas será por causa do público que o fazemos?

Nem por sombras!

Em primeiro lugar, fazemo-lo uma vez que põe em palco uma grande quantidade de alunos. O que isto tem de mais interessante, é o facto de estes alunos terem idades tão diversas que vão dos 11 aos 18 anos, designadamente em áreas tão diferentes como: cantores solistas, coro e orquestra. Esta realidade permite que a escola tenha um ambiente quase familiar porque, para além de se

fazerem novas amizades em palco, também os alunos mais velhos se tornam exemplo para os mais novos!

Em segundo lugar, o Musical é uma obra de arte total, ou seja, nele se integram não só as áreas de música, como também o libreto, a encenação, as luzes, os figurinos,... tornando-se uma experiência muito rica para a formação dos jovens estudantes: os instrumentistas tocam no fosso e aprendem a seguir com mais confiança o maestro, pelo facto de a música estar sujeita à cena, para além de terem a experiência de acompanhar o coro e os solistas; os cantores têm o contacto com a encenação, têm que estar dispostos a ajudar a qualquer momento e serem criativos o suficiente para construírem o caráter e energia necessários à personalidade das suas personagens.

Por último, devo destacar a relevância que este projeto tem como incentivo aos alunos, por mostrar um grande leque de realidades artísticas de que os alunos podem fazer parte, contribuindo em larga escala para que muitos dos estudantes mais novos se decidam pelos caminhos da música.

Se há aspetos negativos para a realização de um Musical todos os anos, podemos constatar que muitos mais são os positivos!



## Maria de Lourdes Álvares Ribeiro, a minha professora de Piano

*Edgard Sales, Acústica e Organologia*

No ano em que a Diocese de Braga comemora os centenários dos sacerdotes famalicenses, Benjamim Salgado e Manuel Faria, escrevi estas breves linhas sobre uma professora que muito marcou o meu percurso musical e que está diretamente relacionada com a obra destes ilustres músicos.

Durante a minha frequência como aluno no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, então Escola Piloto afeta ao Liceu D.Maria II, tive a felicidade de receber uma formação de excelência por professores que hoje são referências no panorama musical português. Entre estes, encontro Fernando Lapa, Pedro Couto Soares, Cândido Lima e Maria de Lourdes Álvares Ribeiro. Como professora de Piano, a professora Maria de Lourdes acompanhou-me durante todo o Curso Geral e depois no Curso Superior de Piano.

Na classe da Dra. Maria de Lourdes, tive o privilégio de trabalhar com outros seus alunos, nomeadamente Graça Miranda, Alexandre Reis, Francisco Fiúza, Pedro Andrade e José Sarmento. Pela sua prática continuada, a Dra. Maria de Lourdes foi a docente que neste Conservatório mais alunos diplomou. O acompanhamento que recebi desta docente foi continuado e de grande qualidade, mesmo depois da conclusão do meu Curso, pois participei, sob a sua orientação, no "Curso Para Diplomados" que orientou no Conservatório Regional de Coimbra nos anos de 91-92.

Como aluno da Dra. Maria de Lourdes, tive o privilégio de participar em várias audições particulares na sua magnífica residência no Passeio Alegre na Foz, no Porto. Nestes eventos, tomei contacto pessoal com individualidades portuenses da música como os compositores Filipe Pires e Fernando Corrêa de Oliveira. Este último foi fundador da "Parnaso", instituição portuense destinada ao ensino da música, onde participei em audição de classe da Dra. Maria de Lourdes. Recordo, ainda, as viagens de estudo realizadas, como a da ida a S.Miguel, ainda nos anos 80.

Durante os anos em que fui aluno neste Conservatório, presenciei o empenhamento continuado da Dra. Maria de Lourdes na promoção da música portuguesa. Recordo a homenagem que foi prestada à fundadora desta Instituição onde a Dra. Maria de Lourdes tocou a obra de João-Heitor Rigaud, filho da fundadora, Adelina Caravana, obra esta premiada no concurso de composição de Roma. E foi João-Heitor Rigaud o primeiro aluno matriculado neste Conservatório, revelando desta forma a continuidade pedagógica que a Dra. Maria de Lourdes assumiu no acompanhamento desta Instituição, desde os primeiros momentos.

Como aluno da Prof. Dra. Maria de Lourdes, uma das características da Intervenção pedagógica desta Pedagoga que me foi dado presenciar, foi a constante procura pela experiência em métodos alternativos, dos quais a Metodologia *Kurtag* foi um exemplo. Neste contexto, pude participar em masterclasses por grandes pedagogos do Piano, como Aida Cadinot Fernandez, Joel Bello Soares e Maryan Ribicky ocorridas na década de 1980 no Conservatório de Braga e na Fundação Cupertino de Miranda, onde a Dra. Maria de Lourdes Álvares Ribeiro teve um papel preponderante na organização e preparação de tais eventos. De facto, a vocação que esta Pedagoga revelou para a aquisição do conhecimento foi consumada pela formação académica espantosa que adquiriu nos anos de 1990, nomeadamente em Jornalismo, História da Arte e um doutoramento em Música.

Considero, pois, o meu percurso académico no Conservatório Calouste Gulbenkian de Braga uma vivência marcada decisivamente pela influência e orientação que a Dra. Maria de Lourdes Álvares Ribeiro realizou na minha formação quer como músico, quer como docente. A minha maior gratidão, pois.



*Os professores Edgard Sales, Maria José Carvalho, Graça Miranda e Maria de Lourdes Álvares*

# Concerto da professora Kiki em 1972

## Concerto da pianista Maria de Lurdes Alvares Ribeiro na Escola Piloto (Conservatório)

Nem sempre os pianistas portugueses gostam de usar muito a inteligência, quando caem com os dedos em cima do seu instrumento (talvez com receio de gastar depressa tão preciosa faculdade...) Pois aqui temos uma artista de piano que se não arrecola de tal dispêndio, pois, a tem ampla e profunda que chegue bem para aplicar toda a vida, em todos os seus trabalhos.

Para nós, nem era preciso que o sr. dr. Manuel dos Santos viesse desfiar o seu significativo *curriculum* (significativo e elucidante a este respeito) na introdução ao concerto: — logo se lhe notou no modo como nos apresentou a primeira das três *Sonatas* de Scarlatti, mostrando-nos distintamente as duas vozes do diálogo melódico em que se estrutura, à custa, não de força ou epidérmico contraste, mas de qualidade sonora e significante fraseado (só foi pena que o jogo do pedal lhe prejudicasse um pouco a clareza).

Outro ponto em que a inteli

gência, devidamente cultivada, talvez questão de acusar a sua presença foi no estilo adequado perfeitamente a cada autor do programa, e aqui então, aliou-se-lhe também a técnica para lhe fornecer o registo de sonoridades, próprio para cada trecho, o que é, quanto a nós, a verdadeira «pedra de toque» de um pianista, que tem de conseguir com a polpa dos dedos o que o organista obtém, puxando os tirantes dos registos. Ora Maria de Lurdes tocou o Scarlatti com a sonoridade aberta e natural do piano, sem sequer a cozinhar para imitação do cravo (e muito bem: um piano é um piano e um cravo é um cravo).

No Schubert, já o piano era outro, mais quente, mais «civilizado», com um timbre agradávelíssimo daquele «violoncelo» da região média, (ordinariamente tão banalizado), enquanto os deliciosos harpejos da mão direita me fizeram vir à Idéia o comentário dos camaradas de Schubert nos seus dedos rebolados que «pareciam ratinhos a saltitar sobre as teclas».

O *Nocturno* de Fauré trouxe ao de cima as qualidades poéticas da pianista (quem disse que a inteligência era inimiga da poesia? A não ser que lhe queira roubar o lugar...), assim como a imaginação e sensibilidade cantaram à vontade em *L'iste Joyeuse* de Debussy, avultando mais uma vez aqui a inteligência a armar devidamente aquêle contraponto de blocos sonoros, em que o grande impressionista estruturava as suas estonteantes fantasias.

Na segunda parte, toda dedicada ao génio que melhor toco

(Continua na 4.ª página)

QUARTA-FEIRA  
23 DE FEVEREIRO DE 1972

★ ★  
Propriedade da Empresa do Diário  
do Minho, L.da Suc.

★ ★  
Editor: AFONSO PALMEIRA

## CONCERTO DA PIANISTA MARIA DE LURDES ALVARES RIBEIRO

(Continuação da 1.ª página)

(*touche*) teve para o piano — Chopin — esteve patente o «temperamento» da artista, sobretudo no *Prelúdio em Dó Menor* e na *Berceuse* (profundeza e poesia, mais uma vez), só não atingindo o superlativo grau de bravura exigido pelo *Scherzo em Dó sustenido Menor*, que aliás, mesmo assim, não deixou de nos entusiasmar.

A assistência ressarciu em entusiasmo o prejuízo do número, aplaudindo demoradamente e de pé a pianista — professora, que rematou o concerto com um dos *Três Estudos Dodecafónicos* do autor destas linhas (com estupefacção de todos) e a *Dança do Fogo* de Falla.

É absolutamente necessário que estes concertos continuem, mesmo com a prata da casa, que, como se vê, conta exemplares de alta valia, que os da «família», por habituados, nem sequer apreciam e prezam (mal empregados...).

Manuel Faria

# A música no mundo globalizado

## Globalização Cultural! O que é isso?

Afonso Ribeiro, Ariana Ferreira, Humberto Sampaio Gomes, José Afonso Martins, Tomás Ribeiro, 6ªA



— Afinal, em que cidade estamos?

Será que hoje o nosso mundo é cada vez mais semelhante, como satiriza o cartoon?

No tempo em que acreditávamos no Pai Natal, esperávamos ansiosos a chegada daquele velho gorducho e sorridente, vestido de vermelho e com enormes barbas brancas, que nos iria trazer presentes maravilhosos. Afinal esse velho foi criado pela Coca-cola. E a maior parte dos meninos do mundo, os que recebem presentes, sonham com o mesmo Pai Natal...IGUALZINHO!

Antes dos Descobrimientos portugueses, o mundo estava dividido em diversos pequenos mundos quase fechados: a Europa, a Ásia e África. Nesta altura ainda nem se conhecia a América. Um europeu não sabia muito sobre os costumes e as tradições dos outros mundos e povos. Ainda no século passado, nas nossas aldeias, pouco se conhecia sobre Lisboa e ainda menos sobre o estrangeiro. Os Descobrimientos permitiram a abertura destes mundos fechados. E então, os povos europeus, indianos, chineses, japoneses, ameríndios, africanos... passaram a estar em contacto com os costumes, a língua, a religião, a música, a gastronomia... de zonas distantes. A partir desta época, e cada vez com maior rapidez, com o desenvolvimento dos transportes e das novas

tecnologias da informação e da comunicação, o mundo foi-se aproximando, transformando-se no que é hoje.

Em qualquer lugar do mundo podemos ver os mesmos filmes, as mesmas séries de televisão e assistir aos mesmos programas musicais. Todos nós, os mais jovens, jogamos Minecraft, GTA V, conhecemos o Mario, ouvimos os One Direction e usamos ténis New Balance. Todos diferentes, todos iguais.

Como é importante manter as tradições e a cultura dos diferentes povos, a UNESCO tem feito um esforço para preservar o património cultural de cada país ou região, classificando músicas, edifícios, objetos, tradições,... como património da Humanidade. Afinal, o mundo é de todos!

## Por uma outra globalização \*

Nanni Pinto, Encarregada de Educação

Lembro-me dos dias de Verão, em que esperávamos ansiosos na casa dos meus avós, os tios que todos os anos chegavam de França.

Traziam sempre muitas novidades de lugares diferentes. Entre uma notícia e outra, tínhamos tempo para pensar nela, entendê-la, aprofundá-la, discuti-la, reconhecê-la, aceitá-la ou não e, por fim, tirar uma lição dela. Esta foi a minha educação.

As notícias dos vizinhos e dos amigos eram sempre um momento único, em que escutávamos com atenção e prazer, cada palavra sumarenta de fruto fresco. Seria assunto para todo o dia. Vivíamos os instantes no seu tempo real.

Na hora das refeições, discutiam-se assuntos de família, preocupávamo-nos em nos mantermos unidos num mundo que já nos parecia tão grande, e partilhávamos as experiências de cada um, como se ali naqueles momentos, de um laboratório experimental se tratasse, havendo sempre lugar à primeira palavra, a dos mais velhos.

Com a Globalização, o espaço físico parece ter-se aproximado, mas os afetos distanciaram-se.

Hoje em dia, o telemóvel senta-se à mesa num lugar especial, fazendo parte das conversas numa mesa de café, onde o convívio entre amigos é afinal um encontro de amigos ausentes ou amigos virtuais. Isto é Globalização.

Hoje em dia, tal é a velocidade das sucessivas informações, que mal as digerimos. Tanta é a informação, que julgamos saber tudo;

num instante navegamos no Google e encontramos o “Mundo”, mas não os sentimentos de uma experiência vivida e sentida.

E que opinião temos sobre as coisas? A oportunidade de pensar e refletir sobre um tema, à luz de uma compreensão vivida, onde está ela agora?

Vivemos cada vez mais afastados uns dos outros.

Um Globalização que deveria ser traduzida por “Igualdade” e “Liberdade” mostra-nos apenas mais e mais a desigualdade e a necessidade de nos afirmarmos independentes e individualistas. O tempo dos valores humanos e das suas consequências ao limite por um mundo melhor vale menos do que ter o carro topo de gama, ou ter sempre mais do que o outro.

Talvez a globalização, que julgamos viver, esteja isenta de liberdade e as fronteiras que se abriram se mantenham fechadas.

A surpresa de um acontecimento e da novidade já não fazem parte dos dias que, agitados sem lugar aos sentimentos e às emoções, empurram o homem para o abismo das pressas, do rápido e do fácil, tendo esquecido que um único momento simples pode ser um momento iluminado!

O Escudo e as Fronteiras, afinal, ainda ensinavam a Globalização, num tempo mais fraterno, mais saboreado, mais autêntico e aproximávamo-nos do mundo longínquo enquanto pequenos colecionadores...

\* Nanni Pinto escreve de acordo com a antiga ortografia

# Um português no mundo: GASPAR FERNANDES

João Tiago Magalhães, Acompanhamento e Improvisação

No alvor da globalização, pelos finais do séc. XVI, já a música ocidental se expandia para lugares tão longínquos quanto inimagináveis.

Portugal teve um período áureo da música que foi precisamente no final do séc. XVI e ao longo do séc. XVII. Deve-se isso ao mestre Manuel Mendes e ao desenvolvimento daquilo que se passou a chamar a “Escola de Évora”. Daí saíram todos os polifonistas conhecidos, como Duarte Lobo e Frei Manuel Cardoso, entre tantos outros. Uns viajaram para Lisboa, outros seguiram para várias cidades, onde exerceram cargos musicais importantes nas catedrais. Eram os compositores, maestros e professores responsáveis pela música. Como esta é precisamente a época do império espanhol, alguns viajaram para mais longe, como Diogo Diaz Melgás que chegou a Mestre Capela da catedral de Málaga.

E isto tudo para dizer o quê? Talvez para justificar a presença de Gaspar Fernandes na Guatemala e no México. Este músico português nasceu por volta de 1560, estudou em Évora e vamos encontrá-lo em 1599, com o ofício de organista na catedral da Guatemala, e pouco mais tarde, como Mestre Capela. Permaneceu nesse cargo até 1606 e a seguir viajou para o México, para exercer o mesmo cargo, desta vez na catedral de Oaxaca, até ao fim dos seus dias em 1629. É lá que se encontra o manuscrito do

Cancioneiro Musical de Gaspar Fernandes, Códice de Oaxaca, que inclui, na sua maioria, obras deste músico português. São duas missas a três e cinco vozes, um *Magnificat* a quatro vozes, oito *Benedicamus Domino* a quatro vozes e cerca de duzentas e cinquenta *canzonetas* e *vilancicos* com alguns textos em espanhol, outros num espanhol modificado pelos escravos negros, e ainda na língua nativa, o Náhuati.

Não se pense que a música de Gaspar Fernandes é muito séria, ou académica, ou enfadonha. Pelo contrário! É dos exemplos mais brilhantes da música no Novo Mundo, uma música onde transparece um grande domínio técnico e, ao mesmo tempo, onde nos pinta a frescura de uma região onde se misturam povos e culturas muito diferentes e onde se reflete um desejo festivo de viver.

São vários os intérpretes que se debruçam sobre esta música, sobretudo latino-americanos: argentinos, cubanos e mexicanos. Há, no entanto, um grupo catalão que nos está sempre a surpreender pela inovação e pela qualidade: o Hesperion XXI, de Jordi Savall. É a sugestão que vos faço, a de ouvir estes intérpretes a executarem a música deste português do mundo (como tantos outros). Este português globalizado: Gaspar Fernandes.

## Gaspar Fernandes Cancionero Musical de la Cathédrale d'Oaxaca (Mexique)



# Uma visão sobre o fadista Ricardo Ribeiro

Daniel Paredes, Guitarra



Ricardo Ribeiro é atualmente uma das vozes portuguesas que maior interesse internacional tem vindo a despertar. A qualidade do seu trabalho e o seu crescente destaque levam-no a ser nomeado, em 2015, um dos quatro finalistas nos prémios da influente revista britânica Songlines, na categoria de Melhor Artista.

A sua linguagem artística predominante é o Fado e, como tal, considero mais que pertinente a sua referência na atual edição, tendo em conta a essência do tema escolhido para a realização da mesma. Sendo uma das três principais músicas populares urbanas, com o Tango e o Flamenco, o Fado é igualmente uma música que ganhou forma pelo intercâmbio cultural e contributo para um mundo globalizado que o povo português estabeleceu há séculos atrás.

Ricardo Ribeiro é, atual e progressivamente, um talento firme e arrebatador do Fado e o seu percurso ascendente e expectante é consequência de vários fatores, artísticos e pessoais.

Naturalmente, todos somos feitos de vivências e conexões. Neste sentido, Ricardo Ribeiro afirma: “só posso cantar se tiver memória, se tiver vivido”. Uma das conexões que Ricardo Ribeiro assume como fundamental para o seu percurso é com Fernando Maurício, unanimemente considerado um dos nomes maiores da história do Fado, com uma passagem indelével. Com ele aprende o enorme valor das palavras e a musicá-las, a vesti-las de emoção e a exteriorizar as suas memórias.

Esta sua conexão com Fernando Maurício, relação privilegiada e invejável, aos olhos de qualquer amante do Fado na sua pura essência, permite-lhe também absorver um enorme repertório específico do fado tradicional, que se traduz num vastíssimo conhecimento de poemas, melodias e todos os seus criadores. É partindo deste reconhecimento e respeito pelo passado do Fado que Ricardo desenha o seu percurso, o seu estilo, fundamentando o seu trabalho com os melhores argumentos, inovando constantemente

sem perder a sua pureza fadista, numa espécie de interpretação historicamente informada como conceito frequentemente utilizado na música erudita. Esta é sem dúvida uma das maiores qualidades de Ricardo Ribeiro, uma tremenda perspicácia e adaptação instintiva ao teor de cada música.

A sua obra discográfica, fortemente aplaudida pela crítica nacional e internacional, é a prova fiel da sua personalidade musical e bom gosto. Os três discos editados, Ricardo Ribeiro, Porta do Coração e Largo da Memória descrevem um nítido percurso de identidade radical, do passado para o futuro, a par com a autenticidade. Mas destaco, especialmente, o seu último trabalho, esse que o leva a ser nomeado um dos quatro finalistas da categoria de Melhor Artista, pela Songlines. Com um elenco de luxo constituído por músicos de qualidade reputada, como Ricardo Rocha, Pedro Caldeira Cabral, Jaime Santos ou Pedro Jóia, Largo da Memória é um encontro entre as diversas vivências e influências pessoais e musicais de Ricardo Ribeiro. Mas, especialmente, este disco simboliza uma confirmação do seu nome como portador e difusor da pura linguagem do Fado. Destino Mercado, primeira faixa do disco, é a prova da coragem, ousadia e de uma convicção humilde de Ricardo Ribeiro, recorrendo ao Fado Menor, pai de todos os fados, como principal *single* do mesmo disco. Para quem não sabe, o Fado Menor é constituído, apenas, pelos dois graus principais de uma tonalidade, tónica e dominante, e não há melodia definida, pedindo todas as capacidades de recriação e improvisação a quem o canta. Com letra de Fernando Farinha, Ricardo Ribeiro leva-nos por várias coordenadas musicais, fazendo-nos ansiar pela seguinte frase, feita dos mais belos melismas, sempre diferente da anterior e das que se seguem... a partir de apenas dois graus tonais.

Consequentemente, a sua música revela-o portador de uma invejável versatilidade que igualmente observo em cada momento que privo com ele.

Igualmente aplaudida e acarinhada é a sua colaboração com o mundialmente conhecido músico libanês, Rabih Abou-Khalil, com quem grava o disco “Em Português”, eleito um dos 10 melhores álbuns Top of the World pela revista Songlines.

De forte impacto será certamente o seu próximo disco, a editar em breve, do qual me orgulho profundamente de fazer parte, como músico e arranjador de uma das faixas, juntamente com Artur Caldeira, agradecendo-lhe aqui publicamente a confiança em mim depositada.

Termino esta minha partilha de impressões na esperança de ter despertado, especialmente nos mais jovens, uma certa dose de curiosidade por este grande músico, Ricardo Ribeiro, bem como pelo Fado, a única música portuguesa mundialmente reconhecida como tal, que celebra a vida e tudo o que nela se dá, do mais belo ao mais absurdo.

# Daniel Paredes entrevista Ricardo Ribeiro

*Daniel Paredes, Guitarra*

## O que devemos fazer para melhor dialogar com o mundo árabe?

Primeiro, tem de haver da parte deles uma atualização em termos de diálogo com o ocidente, no reconhecimento da nossa maneira de pensar. Apesar das barreiras que muitas vezes existem em termos religiosos, ideológicos e até na simples forma de estar, não há nenhuma cultura isolada. Somos todos seres humanos e, por isso, estamos todos interligados. O que podemos fazer é simplesmente tentar perceber, apesar do que é dito muitas vezes (nomeadamente pela comunicação social) a respeito da cultura árabe, quais são os nossos preconceitos e em que estereótipos nos baseamos. Assim poderemos fazer uma leitura correta da verdade, que nos leve a saber distinguir os que são árabes dos que não são, apesar de fazerem parte do mundo árabe; e, também se estamos verdadeiramente dispostos a saber o que eles são, a conhecer a maneira como vivem. Como a história nos diz, o povo português sempre foi curioso e pronto a dialogar e conviver com outros povos e culturas. Hoje, somos fruto evidente de uma exposição frequente a diversas culturas e essa abertura, é o fator indispensável para compreender melhor o mundo árabe.

Já cantei em quatro edições de um festival de músicas do mundo na Argélia (Festival International de la Musique Andalouse et des Musiques Anciennes) organizado pelo musicólogo argelino Rashid Guerbas. Pude conviver com músicos, organizadores, com jovens que estão perfeitamente à vontade e de acordo com grande parte da nossa maneira de viver, que nos aceitam e que gostam muito da nossa música. Eles têm uma cultura riquíssima e interessante. Neste caso, falo do Norte de África, portanto, são berberes. Mas, no Líbano, senti-me igualmente em casa. E, para dialogar, temos de perceber o que está do outro lado. Quando nos

dirigimos a um marroquino, a um argelino, a um tunisino ou a um líbio, temos de saber que na realidade não são árabes, são berberes. O que os une efetivamente ao mundo árabe é o Islão e a língua, pois a música é totalmente diferente e outros aspetos culturais também. O conhecimento de todas essas derivações é que nos permite estabelecer um diálogo com o mundo árabe.

## Como pode a música funcionar nesse contexto?

A música tem o forte poder de nos aproximar, em virtude da arte e não de cada ser humano, apesar de alguns artistas viverem do ego e não da arte. Mas, todos os músicos com quem tenho o prazer de trabalhar e conviver são pessoas muito abertas que gostam de descobrir novas coisas, por ex., como funciona o sistema tonal e como podemos interagir. Há muitos exemplos dessa partilha através da música. Um dos melhores é o de Jordi Savall, que tem feito um trabalho magnífico e que admiro imenso, estabelecendo pontes entre o mundo árabe, a música ocidental e a música antiga. Pelo seu trabalho e contributo apercebemo-nos do imenso que podemos partilhar e aprender mas, acima de tudo, do que podemos dar uns aos outros. O mundo árabe tem uma cultura musical muito forte e de uma beleza infinda, desde Oum Kalthoum a grandes compositores como Mohammed Abdel Wahab, Riyad Sunbati, entre muitos outros grandes compositores e músicos. E nós podemos partilhar a nossa música e conviver uns com os outros pacificamente porque, quando se trata de música, tudo muda em nós e eu tenho sentido muito isso. Por exemplo, quando estive na Argélia, foram várias as vezes em que músicos de uma orquestra de música Malouf vieram ao nosso encontro, com vontade de tocar e partilhar connosco, fazer música. Isso é maravilhoso.

*Daniel Paredes nasceu em Wil (Suíça), em 1991 e, desde cedo, revelou habilidades musicais. Começou a estudar guitarra clássica sob a influência do seu tio, Artur Caldeira. Aos nove anos de idade ingressa no Conservatório Calouste Gulbenkian, com testes de aptidão profissional que concluiu com a classificação de 19 valores.*

*Atraído por várias expressões musicais, como o jazz ou o fado, é já um músico conceituado com um repertório eclético, apresentando-se regularmente em Portugal, Espanha, França, Roménia e Lituânia.*

*Atualmente, frequenta a Licenciatura em Música - Variante de Guitarra Clássica na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto.*



# A música na era da globalização

Jorge Hernández Vidal e Natalia Outón Gestido, Estagiários de piano

A evolução da música foi progressiva ao longo dos séculos. Teríamos que esperar muito tempo, concretamente avançar para meados do século XVIII, correspondente à época clássica, para que os músicos saíssem dos lugares onde viviam e se deslocassem para, na maioria das vezes, irem compor música, a mando da aristocracia. Quando os músicos puderam afastar-se das cortes e dos palácios tiveram a oportunidade de alargar a sua ação, não somente às cidades vizinhas, mas também aos países mais próximos. Assim que conseguiram os níveis de autonomia económica, a criatividade e a influência dos músicos aumentaram. Começou a nascer um novo público de classe média pelo que a música deixava de ser somente para umas elites.

Os últimos quinze anos puseram à nossa disposição uma variedade de meios de transporte muito completa. Entre os benefícios que nos trouxeram o que mais se desenvolveu foi a rapidez da deslocação entre localidades. Hoje em dia, um músico pode viajar para outro continente com muito mais facilidade do que há quinze anos, quando até as tarifas eram muito caras e a deslocação mais demorada.

A Internet leva vinte anos sem parar de crescer e abriu as portas do conhecimento a músicos de todos os níveis e culturas. O nível de especialização de um instrumentista aumenta cada ano, mais pelas facilidades de comunicação entre os países do que por outro fator qualquer. O gosto pelas diferentes formas musicais aumentou exponencialmente e isso faz com que todos os estilos musicais conhecidos e que são do agrado do grande público ou de algumas minorias estejam acessíveis a todo o mundo para poderem ser ouvidos. A tecnologia também está a explorar a criatividade noutros campos, como os da composição e isso facilita o trabalho

dos compositores e também de todos os que apreciam música. Atualmente, e segundo os últimos números, a maior parte das pessoas do planeta terá acesso a ou será proprietária de um dispositivo tecnológico ligado a diferentes bases de dados musicais. Isso revela-nos que a música pode ser divulgada em qualquer parte do mundo, em qualquer momento. Esta situação, apesar das óbvias vantagens, poderá ser problemática por originar um excesso de conteúdos. Uma criança pode perder o nível de concentração perante tanto estímulo visual dos ecrãs dos telemóveis e computadores. Muitas destas máquinas estão cada vez mais rapidamente a substituir as orquestras ou as rádios. Nos últimos dez anos, os grupos e as rádios foram adaptando-se aos novos tempos e a música é ouvida através do Smartphone ligado às conexões da Internet de cada grupo musical. A rádio utiliza a internet há muitos anos já. Está claro que a adaptação é fundamental, mas eu, pessoalmente, gosto muito de ouvir a rádio, da forma tradicional. Também é muito surpreendente o mundo da robótica onde se inventam novos dispositivos eletrónicos que reconhecem os sons e as notas musicais. O mais famoso "browser" do mundo já consegue reconhecer sons e possui estes recursos tão avançados.

Num futuro não muito longínquo, é possível que o público de um concerto se encontre na sua própria casa a apreciar um concerto em direto, tendo pago, previamente via internet, o bilhete virtual. Isto tem as suas coisas boas, mas pessoalmente, penso que este contexto vai conduzir-nos a uma situação de menor interação social, onde a dependência das tecnologias constitui já uma patologia social discutida pelos psicólogos, sociólogos, maestros... e que vai dar muito que falar nos anos vindouros.



# O mundo ligado através da música

Cláudia Costa, 12ªA



Playing for change (Tocar para mudar) é um projeto musical que tem como objetivo unir músicos de todas as partes do mundo e, tal como refere no seu nome: mudar. Esta fundação surgiu da crença de que a música tem o poder de encurtar as relações humanas, ligando-as umas às outras, independentemente das suas diferenças. Em 2005, um grupo de cineastas teve a ideia de criar um filme sobre a música de rua, ideia essa que foi posteriormente realizada e atingiu sucesso a nível mundial, marcando assim as vidas de milhões de pessoas em todo o mundo. A partir do momento em que se formou, a equipa criou uma espécie de estúdio de gravação móvel e deu a volta ao mundo filmando músicos e os lugares onde viviam. O som foi depois 'mixado' e, apesar de os músicos não se encontrarem na mesma sala, país ou até continente, foram unidos através da música, com o contributo dos dons de cada um para o resultado final. Viajando por todo o mundo a filmar e gravar, a equipa foi capaz de conhecer a música e as pessoas de cada comunidade. Durante a viagem, houve imensos e intensos momentos de partilha que

ficarão gravados, não só no filme, mas principalmente no coração de cada elemento envolvido. O resultado foi uma fusão única de talentos e influências, desde as ruas aos palcos e, por fim, até ao coração das pessoas.

Em 2007, a Fundação Playing for Change foi estabelecida como organização sem fins lucrativos criada para inspirar, unir e trazer paz ao mundo, através da música. A sua missão é criar mudanças positivas por meio da música e da educação artística.

Através desta Fundação, foram criadas 12 escolas e projetos no Bangladesh, Brasil, Gana, Mali, Nepal, Ruanda, África do Sul e Tailândia, onde mais de 1.000 jovens usufruem, gratuitamente, de aulas de dança, de instrumento, de línguas e de teoria musical, todas dadas por docentes qualificados. Estes projetos ajudam também a conhecer as necessidades básicas da comunidade geral, incluindo nesse contexto a disponibilização de ajudas como comida, água potável, medicina, roupas, livros, outros elementos escolares, energia solar e computadores, entre outros. Com estas ações, mais de 15.000 pessoas foram beneficiadas pelo desenvolvimento comunitário da Fundação.

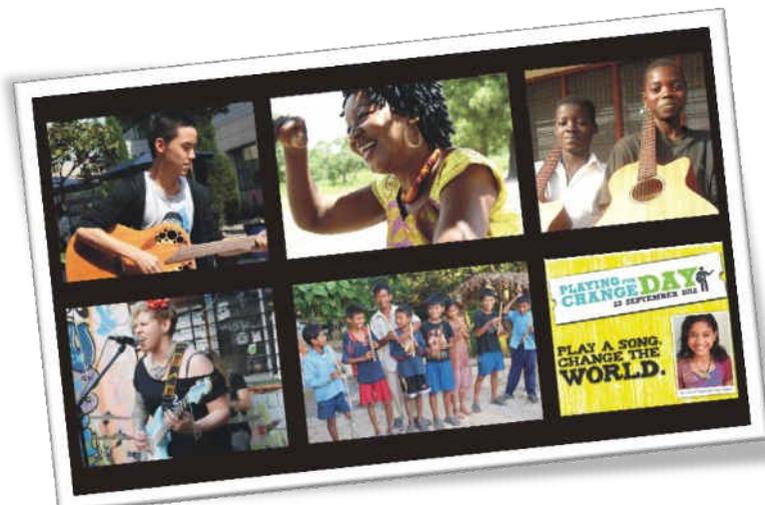
As avaliações anuais do programa reforçam o impacto positivo da educação musical, demonstrando a mudança em ação. Quando as crianças criam música juntas, o conflito desaparece e dá lugar à ajuda, à união e à colaboração. O mais importante para as crianças, em especial as que são mais vulneráveis devido à pobreza, guerra, drogas e negligência, é que aprender música, tocar um instrumento e criar melodias aumenta a auto-estima de cada um, a alegria e o bem-estar e incentiva a imaginação.

A música é a voz destas crianças, é o que as ajuda a expressar o que sentem e o que pensam e é a forma que mais gostam de se fazer ouvir. A música é usada para transformar a vida das pessoas e das comunidades, encorajando a disciplina e a compreensão como método para resolver os problemas.

É essencial dar o valor à capacidade que a música tem de unir e transformar as pessoas, pois uma comunidade sem música é uma comunidade sem voz por onde se expressar. Criar música é derrubar os limites da imaginação e criar algo próprio, algo com que nos identificamos por fazer parte de nós e por sair do mais íntimo do nosso ser.

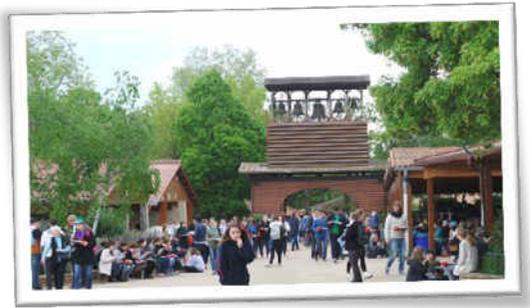
'A música é uma parte indispensável da vida, não consegues viver sem música'.

'Através da Escola Bizung...Eu aprendi acerca de tudo sobre o meu mundo. Quando faço música, torno-me na pessoa mais feliz nesse momento'.



# A Universalidade do fenómeno de TAIZÉ

Justiniano Mota, Educação Moral e Religiosa Católica



Francisco tem trinta e cinco anos e foi a Taizé pela primeira vez aos vinte e quatro. Em Agosto de 2004, Francisco decide ir a França passar uma semana na Comunidade Ecuménica de Taizé. Ao chegar, depara-se com centenas de jovens que vão surgindo de todos os cantos. No final desse dia, é anunciado que estão no campo ecuménico quatro mil jovens de toda a Europa. Francisco quis conhecer o que fascinava tantos outros jovens que falavam de Taizé como que de um raio que rasgava o rosto de esperança.

Ao chegar, o primeiro choque com a realidade: “onde estão as tomadas para carregar o telemóvel?”. No meio de um descampado enorme, em menos de uma hora, os irmãos e voluntários da comunidade conseguem distribuir os milhares de jovens que vão chegando. Cada jovem tem um serviço comunitário para o resto da semana, entre os quais garantir o silêncio na zona de descanso, desempenhar tarefas na cozinha, participar na distribuição das refeições, fazer a recolha de lixo, a limpeza dos WC's, a preparação do espaço de oração e coro. Francisco, como gosta muito de música, escolhe o coro como serviço comunitário. O estilo de música é contemplativo e reflete a natureza meditativa da comunidade. Os ensaios fazem-se todos os dias após o almoço durante duas horas. Quem escolhe esta tarefa tem de garantir os serviços de coro nos três momentos de oração diária e há cânticos em quase todas as línguas da Europa.

Estava Francisco já plenamente integrado na comunidade, ao fim de poucas horas, dada a abertura de espírito ecuménico de todos os jovens, quando começa a conhecer melhor a história do fundador desta comunidade. Sorte enorme a de Francisco, a de poder, ainda, conhecer o irmão Roger Schutz...pois este grande homem, de nacionalidade suíça, viria a ser assassinado, no ano seguinte, por uma mulher mentalmente perturbada. O Irmão Roger fundou a comunidade de Taizé em plena II Guerra Mundial, estávamos em 1940. Era filho de um pastor protestante (calvinista), mas reconhecia que tanto os protestantes como os católicos e ortodoxos, viviam debaixo do mesmo grande teto do amor universal. Roger chegou a Taizé, uma aldeia quase isolada, próxima de Lyon, que deu abrigo a refugiados judeus durante a II Guerra Mundial e, depois da guerra, alguns jovens juntaram-se a ele, fazendo o compromisso de viverem uma vida pobre e comunitária. Os irmãos viviam apenas do seu trabalho e rezavam na velhinha igreja da aldeia, a qual, na década de 60, se tornou pequena para acolher todos os visitantes. A cada ano os jovens não paravam de aumentar e foi necessário construir um espaço maior, embora simples, para que tivessem o essencial: um sítio para dormir, para a higiene pessoal e para não passarem fome. Simultaneamente, os irmãos de

Taizé começaram a pensar em acompanhar os jovens nesta busca interior, nascendo assim “A aventura de Taizé”. O irmão Roger, consegue assim reunir os vários ramos do Cristianismo que se foram separando ao longo de dois mil anos de história. No coração de Taizé está a paixão pelo Cristianismo no seu sentido mais universal. Na comunidade são mais de cem irmãos de várias nacionalidades (um dos quais português) ora católicos, ora ortodoxos, ora calvinistas, ora luteranos, ora anglicanos, etc... não é importante os que os separa, é importante o que os une. Interessante é o olhar frágil que nós colocamos sobre as diferenças e somos capazes de ficar cegos diante da monstruosidade do que de mais fascinante tem a vida... afinal procurávamos tanto aquilo que já tínhamos! É fácil gostar deste lugar, pela cor e pelo sabor da atmosfera descontraída. A dormida faz-se em saco cama numa tenda e aqui não se precisa mais de relógio. Existe um grupo de voluntários responsáveis por acordar os jovens de manhã para a primeira oração do dia. No fim da oração é o pequeno-almoço, depois a palestra dada pelos irmãos da comunidade, seguindo-se os grupos de reflexão e de trabalho. É bom ler livros, mas melhor conhecer pessoas, pois aquelas que ali estão não têm última página... são literatura infinita. Ao meio-dia tocam os sinos para a oração e no fim é o almoço. Vamos para a fila e... ninguém resmungar? Estou habituado a ver em pequenas filas tudo a resmungar e aqui estão quatro mil pessoas numa fila e ninguém se desfaz em pirotecnia vocal? Como somos capazes de transformar um lugar infernal com um calor tórrido sobre nós, cheios de poeira... num lugar que queremos que não deixe de existir? Até nos esquecemos que estamos na fila. Somos mais nós que fazemos os lugares do que os lugares que nos fazem a nós. Somos capazes de transformar os lugares. No almoço, a maioria dos jovens está no chão ou a descansar sob alguma árvore... Depois do almoço, há algum espaço de tempo para lazer e convívio, antes de recomeçarem os trabalhos. Francisco vai, de novo, para o trabalho de coro, pois era este que tinha sido escolhido no dia de chegada. Após o lanche, os grupos voltam aos seus trabalhos ou convivem com os outros jovens ou aproveitam para passear pela zona do lago e do bosque. À noite, temos o jantar seguido do terceiro momento de oração do dia. No fim da oração pode-se continuar na capela, tal como muitos jovens que aí continuam a cantar, ou pode ir-se para o Oyak (um pequeno espaço de diversão, com música mais ligeira, conversa, jogos, etc). Depois disso, há o recolher obrigatório.

E uma semana passou sem que Francisco se lembrasse que as redes sociais possuem existência. Quando estamos cheios por dentro, não precisamos de nada por fora.

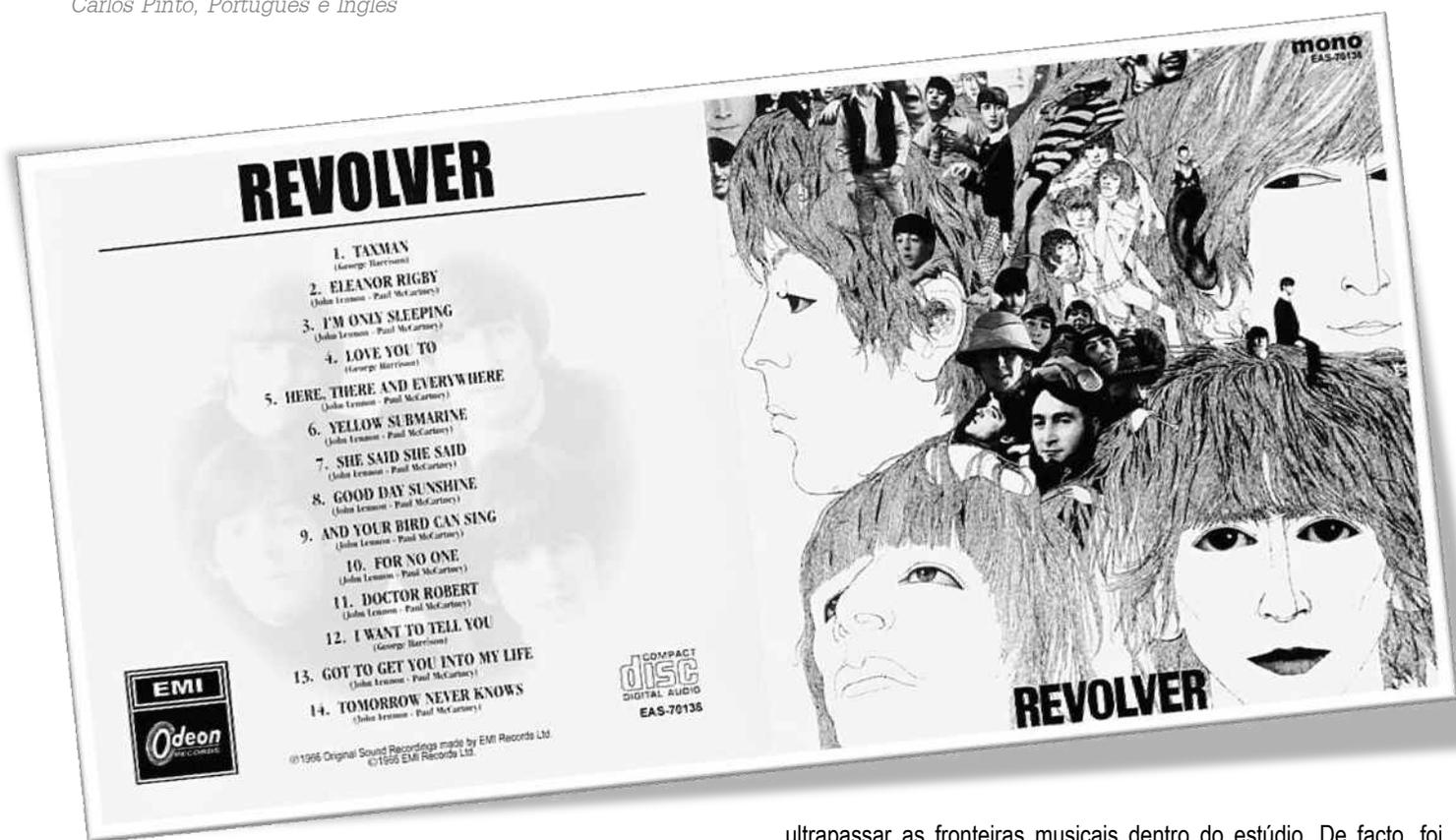
Francisco chegou a Taizé num domingo e deixou a comunidade no domingo seguinte. É sempre assim, os programas são semanais, embora Francisco tenha conhecido jovens que estiveram ali durante um mês (ou no caso de um jovem polaco, esteve mesmo um ano a viver com os irmãos). As despedidas duram horas e começa a cair a noite. Tinham previsto sair no início da tarde e já estavam todas as coisas prontas para partir, apenas as pessoas não estavam prontas. A partir daqui, Francisco não conseguiu mais parar de regressar a este lugar.



# Efeméride... foi há 50 anos

## Sobre o álbum “Revolver” dos Beatles

Carlos Pinto, Português e Inglês



O álbum “Revolver” dos Beatles, publicado a 5 de agosto de 1966 no Reino Unido e a 8 de agosto de 1966, nos Estados Unidos, foi um álbum de viragem na carreira e no estilo deste famoso grupo de Liverpool. Dizia Paul McCartney em 1966, sobre este álbum, que «...demorou mais tempo a fazer do que os outros porque, habitualmente, íamos para estúdio com, digamos, seis a oito temas originais e alguns temas antigos, como Mr Moonlight ou alguns outros temas que conhecíamos e que costumávamos tocar em espetáculos. Desta vez, só tínhamos originais, incluindo três do George Harrison e, por isso, tivemos que trabalhá-los todos. Não tínhamos uma base de trabalho completa, apenas uma melodia na guitarra, meia dúzia de acordes e, como tal, deu-nos bastante trabalho fazer as canções. Acho que é o nosso melhor álbum até hoje!»

“Revolver” anunciou ao mundo que os Beatles de antes tinham terminado. Agora, desfrutavam da liberdade para explorar e

ultrapassar as fronteiras musicais dentro do estúdio. De facto, foi com este disco que o grupo começou a demonstrar um interesse crescente nas técnicas de produção e efeitos de estúdio. Provavelmente por esse motivo, nenhum dos temas foi tocado ao vivo pela banda. Eles consideravam-nos demasiado complexos e difíceis de tocar ao vivo, numa fase em que muitas vezes mal se conseguiam ouvir em cima do palco, no meio da gritaria histérica da assistência.

O álbum “Revolver” foi gravado nos estúdios EMI, em Abbey Road, Londres, curiosamente quando o contrato entre a editora e a banda tinha caducado. Eventualmente, terá sido renovado algum tempo depois, mas este histórico álbum foi produzido sem que os “Beatles” tivessem um vínculo legal com a editora inglesa.

Inicialmente, o álbum “Revolver” era para se chamar “Abracadabra”, com uma capa produzida pelo fotógrafo Robert Freeman, composta por colagens de fotos dos músicos em espiral.

No entanto, já próximo do lançamento, mudou-se de opinião quanto ao nome do disco e quanto à capa, tendo sido aproveitada apenas uma parte das colagens inicialmente previstas. O álbum foi então nomeado “Revolver”, não em referência à arma de fogo, mas ao movimento de rotação do disco no gira-discos, e à própria ideia de rotação e renovação de ideias e musicalidades.

Como era costume na altura, os discos dos “Beatles” eram lançados com algumas diferenças em diversas partes do mundo. O desmembramento de um álbum em vários outros sem a autorização expressa da banda, acabou por ocasionar uma reação de protesto que resultou numa capa controversa para o álbum apenas publicado



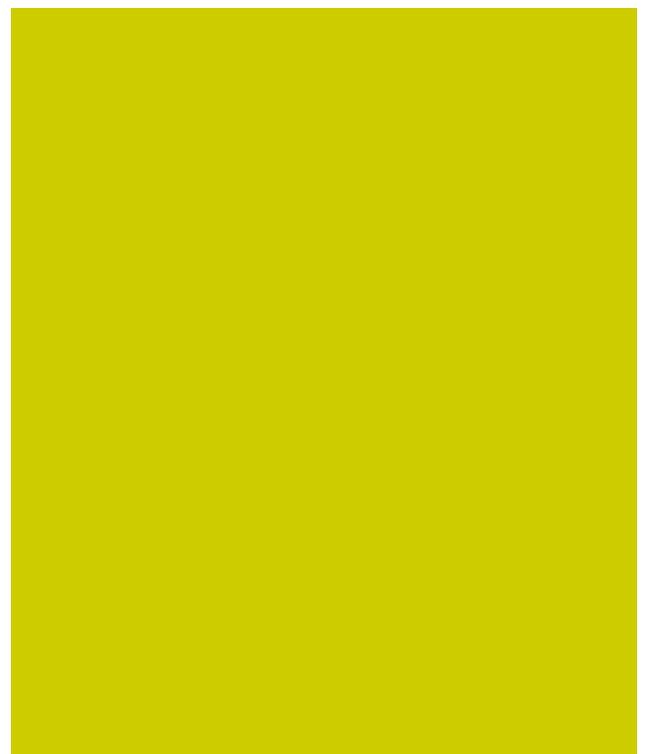
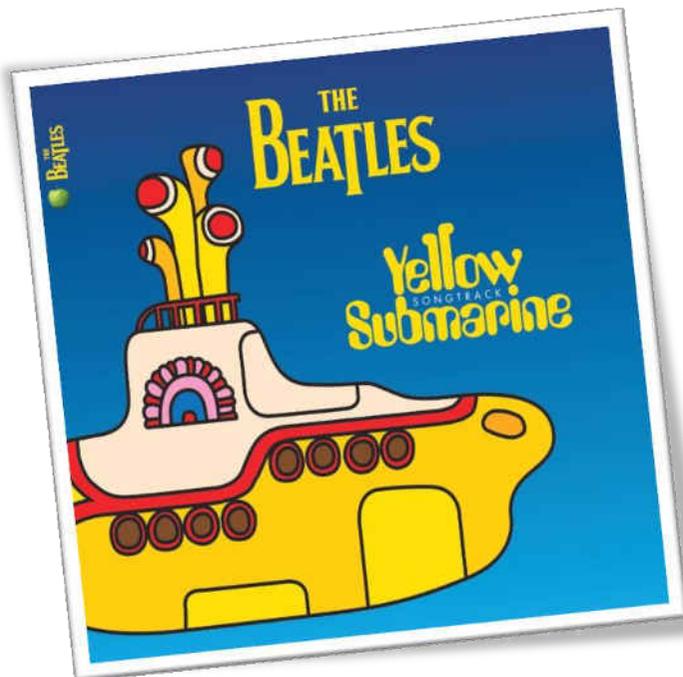


na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), intitulado "Yesterday...And Today" que reunia temas de vários álbuns da banda, designadamente os álbuns "Rubber Soul","Help!" e o inédito "Revolver".

A polémica capa conhecida por "Butcher's Cover" (a capa do talhante) acabou por ser substituída logo após as primeiras tiragens, pelo seu aspeto pouco edificante. Hoje, é um objeto de culto e de muito valor para colecionadores de artefactos ligados à história da música rock e pop.

Do álbum "Revolver" há a destacar o tema "Eleanor Rigby", com a assinatura de Paul McCartney e com arranjos para acompanhamento de orquestra. O título teve para ser "Miss Daisy Hawkins", mas foi mudado para o nome pelo qual é conhecido, em homenagem a um túmulo de um cemitério que ficava perto de um local onde a antiga banda de John Lennon, "The Quarrymen", costumava atuar. O tema "Yellow Submarine", também escrito por Paul e cantado pelo baterista, Ringo Starr, deu origem a um filme de animação com o mesmo nome, onde cada elemento dos "Beatles", em desenho animado, é personagem dessa película. "Eleanor Rigby" e "Yellow Submarine" são os dois temas do álbum "Revolver" que fazem parte da banda sonora daquele filme de animação.

# THE BEATLES



# Concerto de “Camera col Violoncello Obbligato” de Fernando Lopes-Graça

Tiago Silva, 10º Supletivo

O Concerto de “Camera col Violoncello Obbligato”, escrito por Fernando Lopes-Graça numa altura em que este sofria de uma depressão, denota claramente o sofrimento do compositor, sendo como um testemunho íntimo do seu coração dilacerado, onde o artista, na sua solidão, mostra sentimentos sombrios de dor, mágoa, angústia e desespero, mas também momentos de serenidade e esperança. Deste modo, esta obra cumpre a principal função da música, isto é, passa sentimentos para quem a ouve.

Fernando Lopes-Graça, célebre compositor, maestro e pianista português, nasceu em Tomar a 17 de dezembro de 1906 e faleceu em Parede, Cascais, a 27 de novembro de 1994. Teve, várias vezes, problemas com a polícia política e foi perseguido por esta durante grande parte da sua vida, tendo sido inclusivamente preso, visto que era contra o regime ditatorial de Salazar e o demonstrava, muitas vezes, através das suas obras. Para além de ser preso, as orquestras nacionais foram proibidas de interpretar as suas obras e os direitos de autor foram-lhe roubados. Para além de obras musicais, Fernando Lopes-Graça é o autor de várias obras literárias que refletem sobre a música portuguesa e a música do seu tempo.

O Concerto de “Camera col Violoncello Obbligato” é uma obra escrita a pedido do famoso violoncelista, Mstislav Rostropovich, tendo sido estreada pelo mesmo em Moscovo, acompanhado pela Orquestra Filarmónica de Moscovo e sob a batuta do maestro Kyril Kondrachine. Para a interpretação desta obra são necessários violinos (I e II), violas, violoncelos, contrabaixos, flauta, oboé,

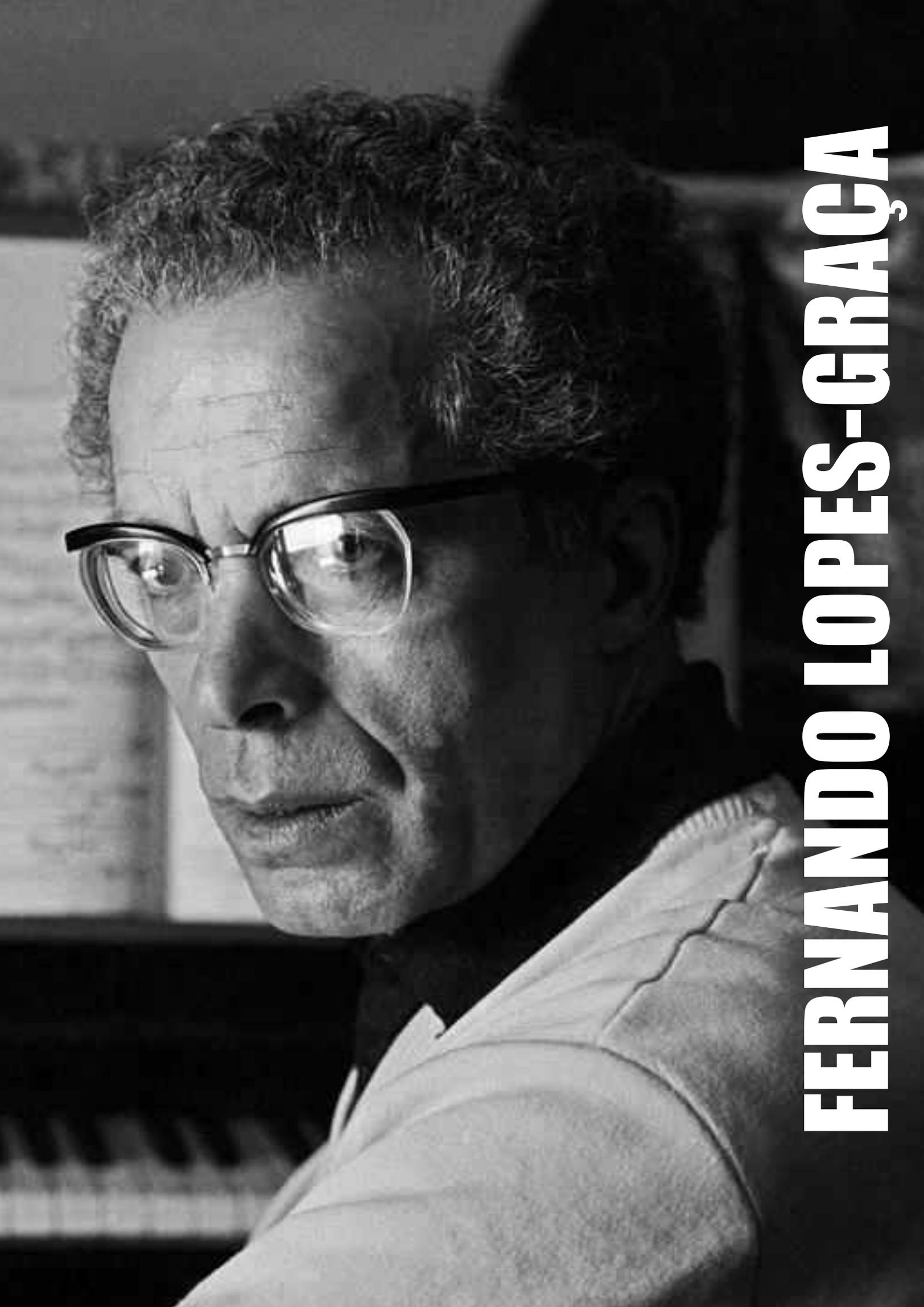
clarinetes (em sib e em lá), fagote, trompas, trompete, trombone baixo, celesta, glockenspiel, harpa, piano e diversos instrumentos. Apesar de a obra ter sido pensada para orquestra de câmara, a diversidade e abundância de instrumentos de sopro apontam para uma orquestra sinfónica, mas a forma como o compositor utiliza os variados instrumentos contraria essa ideia. Neste concerto existe ainda o interessante facto de, apesar de o violoncelo ser instrumento solista, não haver contraste entre o virtuosismo do solista e a massa orquestral, fugindo ao modelo dos concertos românticos.

Deste modo, Fernando Lopes-Graça, como noutras obras, usa como ponto de partida a música do passado, mas não faz regressos ao antigamente nem nada que se pareça: acaba por usar as ideias do passado para desenvolver a sua própria música. Na minha opinião, esta obra é intemporal e deve ser apreciada, não só pelos ouvidos, mas, também, deve ser sentida e saboreada.

De resto, Fernando Lopes-Graça não pôde assistir ao concerto de estreia desta obra, visto que a polícia política o impediu de aceder ao convite feito para ir a Moscovo presenciar este acontecimento.



Maria José Falcão foi a primeira violoncelista portuguesa a executar este concerto e a gravar para a editora PORTUGAL SOM



**FERNANDO LOPES-GRAÇA**

# Grandes Gulbenkianos

## Diana Vinagre, violoncelista

Biografia



Diana concluiu o Curso Complementar de Violoncelo em 1998 no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, na classe da professora Paula Almeida.

Após a conclusão dos seus estudos na Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa, na classe de Paulo Gaio Lima, o interesse que alimenta ao longo de vários anos pelas Práticas Históricas de Interpretação levam-na à Holanda. Ingressa no Conservatório Real de Haia, no Departamento de Música Antiga e Práticas Históricas de Interpretação na classe de violoncelo barroco de Jaap ter Linden. Nesta Instituição concluiu a Licenciatura e seguidamente o Mestrado, com distinção. Desde que se dedica à prática do violoncelo histórico, colabora como *free-lancer* com vários agrupamentos: Orquestra do séc. XVIII, New Dutch Academy, B'Rock, Orchestra of The Age of Enlightenment, Irish Baroque Orchestra, Holland Baroque Society, Al Ayre ESpañol, Divino Sospiro, Forma Antiqua e Orquestra Barroca da Casa da Música. Toca regularmente sob a direção de Enrico Onofri, Laurence Cummings, Mark Elder, René Jacobs, Vladimir Jurowsky, Simon Murphy, Bartold Kuijken, Christina Pluhar, Elizabeth Wallfisch, Alfredo Bernardini, Rinaldo Alessandrini, Frans Bruggen, Lars Ulrik Mortensen, Alexis Kossenko, Chiara Banchini. Em 2007, foi selecionada para integrar a Orquestra Barroca da União Europeia, tendo-se apresentado como solista em várias ocasiões. No ano letivo de 2006/7, foi detentora da bolsa de estudo para a investigação de Mestrado, Honnours Programme, concedida pelos Conservatórios de Haia e de Amsterdão. Realizou várias gravações com o Divino Sospiro, Sete Lágrimas, Wallfisch Band, Orquestra Barroca da União Europeia e Forma Antiqua. Além da sua atividade como *free-lancer* em vários países europeus, é o primeiro violoncelo da Orquestra Barroca Divino Sospiro. Em 2009, funda o Ensemble Bonne Corde que se especializa em repertório do séc. XVIII, tendo o violoncelo como ponto de partida. Neste momento, Diana encontra-se a realizar um estudo de Doutoramento sobre o violoncelo em Portugal c.1750-1834 na UNL-INET sob a orientação do Prof. Rui Vieira Nery, com uma bolsa de estudos do FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia).



**DIANA VINAGRE**



## Os Migrantes e os Refugiados

Laura Carneiro, 3ªA



Laura Carneiro, 3ªA

A Síria é o país onde se encontra mais guerra e é onde há mais refugiados e migrantes. Agora, imaginem que a guerra não existia! Não havia mortos por bombardeamentos, por bombas. As pessoas não fugiam. A vida era bem melhor!

O que eu realmente penso é que no nosso mundo não deveria haver refugiados nem migrantes.

Catarina Araújo, 3ªA

Nos dias de hoje, temos a Crise dos Refugiados. O objetivo destas pessoas é estarem protegidos da guerra e da fome. A preocupação das mulheres é os seus filhos, porque têm medo de morram ou que fiquem feridos gravemente.

Ainda há pouco tempo, ouvimos nas notícias que a guarda costeira da Grécia salvou um barco com bebés, idosos, homens e mulheres. É triste, não é? Quando eles vêm para a Europa pedir ajuda, há um muro de arame farpado que os não deixa atravessar as fronteiras. Quando atravessam o Mar Mediterrâneo, há barcos que correm para os salvar mas, por vezes, não conseguem. Os países de onde vêm mais refugiados ou migrantes são a Síria e o Afeganistão. Atravessam o Mediterrâneo em barcos insufláveis e a maior parte dessas pessoas acaba por morrer afogada. O Estado Islâmico ameaça constantemente os refugiados e chega mesmo a matar crianças. É muito doloroso para todos o que se está a passar! Se pensarmos bem, nós, as crianças portuguesas que estão na escola e que vivem uma vida "normal" somos privilegiadas, enquanto as crianças refugiadas não têm casa, muitas vezes nada para comer, sem medicamentos para tratar as suas doenças.

Nos atentados em Paris morreram cento e sessenta e quatro pessoas, incluindo alguns terroristas. Não sabemos se entre eles também haveria refugiados.

Há sempre atritos entre Israel e a Palestina.

Um refugiado foi para Espanha e conseguiu tornar-se treinador de uma equipa de futebol, o Vila Real.

Não vos surpreendi?

Tive uma ideia: e se os ajudarmos a serem felizes?

Ajudar, para sermos ajudados e retribuir para que também nos retribuam, são os meus lemas. Vamos ajudar?



Manuel Macedo, 3ªA

# A CRISE HUMANITÁRIA NA EUROPA

- Um olhar dos pequenos sobre a questão dos refugiados



Carolina Machado, 3ªA



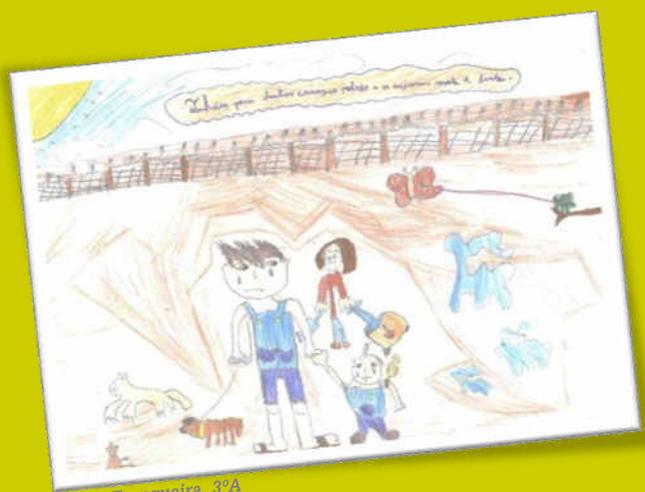
Filina Santo, 3ªA



Pedro Simões, 3ªA



Rodrigo Gonçalves, 3ªA



Tiago Franqueira, 3ªA



Sara Barroso, 3ªA

# Pequenos criadores

## A minha cidade de Braga

Graciano Ding, 9ºB



A minha cidade de Braga  
É tão calma e tão antiga,  
Tão cheia de história e cultura  
Duma eterna beleza nunca perdida!

A minha cidade de Braga  
Outrora Bracara Augusta  
Povoada de gente feliz  
Semeada das mais belas paisagens  
Que habitam alegremente o coração do Minho!

Testemunhas edificadas de um tempo passado  
Fazem parte da alma da minha cidade  
E do coração de cada um que nela habita  
E palpita...e palpita....  
Cidade azul  
Coberta de céu  
Cidade verde  
Coberta de erva e árvores frondosas

De repente, colorida!  
Semeada de folhas lindas e concretas  
Como aves que sobrevoam as gentes  
Que passam ainda numa paz matinal.

No belíssimo outono  
As gentes passeiam em tapetes de ouro  
Que tornam a minha cidade ainda mais bela!



# O Cavaleiro da Dinamarca

Ana Beatriz Sousa Dantas, 7ºB

O Cavaleiro ergueu a mão e bateu à porta, ouvindo a inquietação que se gerava na festa.

-Será ele? Não estou à espera de mais ninguém...

Durante breves momentos o Cavaleiro pensou na situação. Seria acolhido com amor, de quem deixa o que é mais importante para ele-a sua família para visitar Belém ou como o pai irresponsável e insensível que abandona os seus filhos, ainda tão novos, para concretizar um desejo pessoal?

Nunca na vida tinha sentido uma dúvida tão grande.

A porta abriu-se lentamente e uma frecha de luz iluminou-lhe o rosto. Numa fração de segundo o filho mais novo correu até ele e abraçou-o.

O Cavaleiro sorriu para ele. Tinha-se esquecido da fome, do cansaço e até do frio. Estiveram apenas um momento num abraço, mas pareceu uma eternidade.

Entrou em casa, confiante, cego pela claridade da habitação. As conversas cessaram, a música parou e as crianças olharam para ele com espanto e alívio. A mulher correu para ele e abraçou-o, deixando escorrer, pelo canto do olho, uma lágrima transparente e brilhante, enquanto sussurrava:

-Eu... Eu sabia...que não ias faltar à tua promessa...

-Eu...disse, olhando-a com um sorriso terno...eu vi mares e montes, picos gelados e planaltos viçosos. Vi, com os meus próprios olhos, o presépio e cantei ao lado dos anjos. Ouvi trovadores e poetas a exprimir as suas artes e admirei quadros cuja beleza ainda hoje me espanta. Ouvi histórias fantásticas, lendas e mistérios mas, para mim - completou, virando-se para a sua família - não há nada tão maravilhoso como passar o Natal convosco. Agora, dos seus próprios olhos caíam lágrimas de alegria. Toda a família se dirigiu a ele com sorrisos, alívios e felicitações.

-Eu não vos disse, meninos – exclamou o velho de barbas brancas – que ele ia voltar? O vosso pai é um homem de palavra, nunca falta às suas promessas!

O Cavaleiro dirigiu-se a ele e brindou-o com um sorriso.

A custo, insistência e pedido de muitos, narrou a sua história.

...Foi então que vi uma matilha de lobos a vir na minha direção!

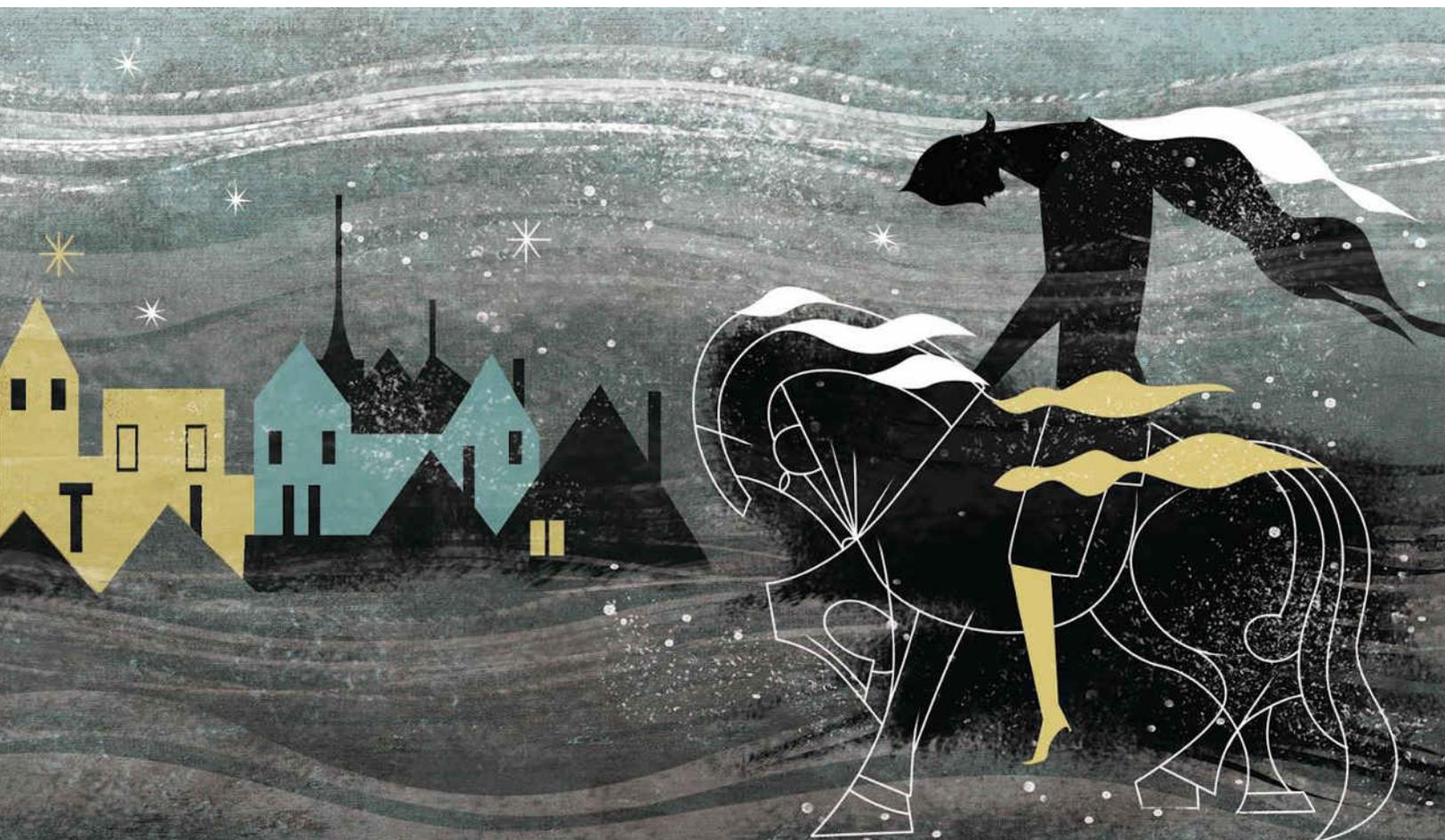
Os mais novos arregalaram os olhos brilhantes de espanto, enquanto bebiam cada palavra do que ele dizia.

-Mas não houve problemas – tranquilizou ele – pois, como sabem, o Natal é uma trégua de paz com todos, independentemente da sua raça, religião e espécie

Serviu-se de uma rabanada e continuou:

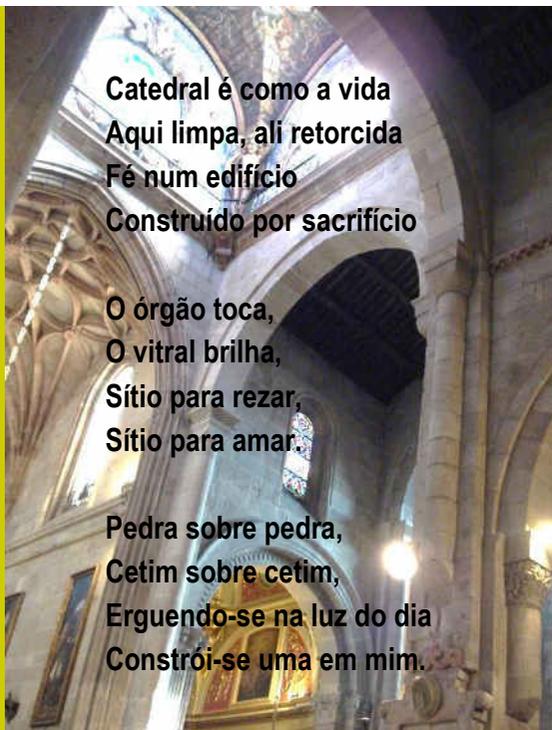
- E depois um urso! Pensava estar perdido quando vi o pinheiro a brilhar!

Todos olharam pela janela e viram o pinheiro, o mais alto da floresta iluminado por dezenas de estrelas pequeninas e cintilantes. E, correndo para a clareira cantaram, juntamente com os anjos a mais bela canção de Natal.



# Catedral

José Nuno Soares, 8ºB



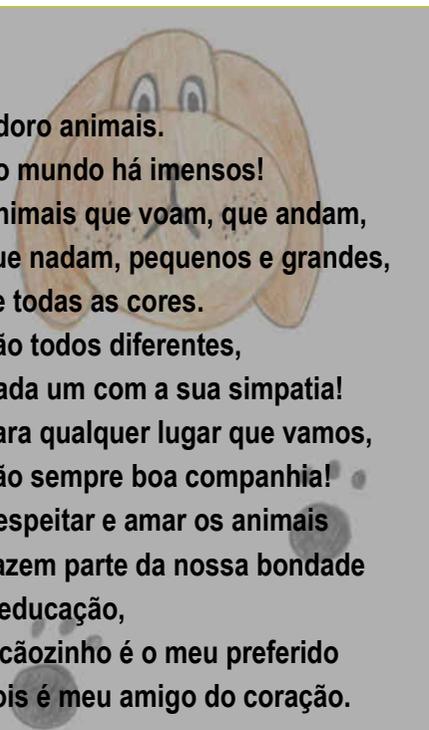
Catedral é como a vida  
Aqui limpa, ali retorcida  
Fé num edifício  
Construído por sacrifício

O órgão toca,  
O vitral brilha,  
Sítio para rezar,  
Sítio para amar.

Pedra sobre pedra,  
Cetim sobre cetim,  
Erguendo-se na luz do dia  
Constrói-se uma em mim.

# Animais

Rodrigo Silva, 4ºB



Adoro animais.  
No mundo há imensos!  
Animais que voam, que andam,  
que nadam, pequenos e grandes,  
de todas as cores.  
São todos diferentes,  
Cada um com a sua simpatia!  
Para qualquer lugar que vamos,  
São sempre boa companhia!  
Respeitar e amar os animais  
Fazem parte da nossa bondade  
e educação,  
o cãozinho é o meu preferido  
pois é meu amigo do coração.

# O dia mais feliz da minha vida

José João Lamela, 9ºC

Este foi o dia mais feliz da minha vida!

Era o último dia de aulas do meu oitavo ano. Ia tocar como primeiro solista na Orquestra Sinfónica do Conservatório. Momento grandioso, que me custou muito a alcançar, pois trabalhei arduamente e durante largo tempo para conseguir o primeiro lugar neste concurso e ter e sentir o privilégio de “solar”!

Era uma obra complicada, “O Romance para trombone e piano” de Carl Maria Von Weber, com algumas notas um pouco agudas, mas fiz como o meu professor me disse na altura: “toca com «blood», João, exprime o que te vai na alma!”

No final da aula, fui para casa descansar, relaxei e dormi um pouco, até. A minha mãe acordou-me. Esperava-me um “assadinho” que ela costuma fazer nos dias especiais!

Vesti-me.

O meu pai levou-me ao Conservatório.

Fiz vários exercícios de aquecimento e, quando dei conta, já estavam à minha espera para tocar. Vestido a rigor, de fato e gravata, dirigi-me ao auditório acompanhado pelo meu trombone que alcunhei de “Lamelofone”.

Auditório cheio. Cerca de trezentos olhares, câmaras, telemóveis, flashes...

Comecei a tocar. Depois de algumas frases musicais, reparei que os olhares estavam em cima de mim e senti que tinha prendido verdadeiramente as pessoas àquele Romance.

Dei a última nota. Suspirei! Baixei o trombone. Palmas e gritos de aplauso ecoavam por todo o auditório! Sorrisos, alegria! Reparei que algumas lágrimas caíam... de emoção, de comoção!

Vénias fiz e muito agradeci. Senti-me realizado. Fui para o “backstage”. Pousei o trombone. Voltei ao palco. Para surpresa minha, lá estavam os melhores amigos que alguém pode querer, os meus!

Com muitas flores e abraços, senti que estavam orgulhosos da sua “mascote”, como me chamam, por ser o mais novo. Rodeado de gente que adoro, tinha acabado de viver o momento mais feliz da minha vida!



## II Masterclass de harpa com Lisetta Rossi



Nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro de 2016, realizou-se, pela segunda vez, uma masterclass com a harpista Lisetta Rossi, professora conceituada que já lecionou no Conservatório Giuseppe Verdi em Milão. Neste evento, participaram cerca de trinta alunos de harpa, estando presentes todos os alunos da classe do Conservatório. Ao longo dos três dias, os alunos inscritos puderam usufruir e assistir a aulas individuais e de grupo. No domingo, dia 14, todos os alunos participaram, não só numa aula coletiva com a professora Lisetta Rossi, sobre técnica, como também numa lição de improvisação, com a professora Eleonor Picas. Estas atividades foram seguidas de um lanche partilhado e de um filme, em que os aprendizes e as professoras puderam conviver e descontraír.



# Música para todos: ciência da computação de mãos dadas com a Musicografia Braille



*Sandra Lopes e Sofia Rocha, responsáveis pelo projeto*

## Ideia do Conservatório de Braga selecionada para passar à fase de desenvolvimento

O som adquire uma dimensão superior na vida das pessoas com deficiência visual, entusiasmando-as a desenvolver uma percepção auditiva mais apurada. A democratização do ensino da música implica a integração de todos os alunos e a adaptação da escola a esta especificidade.

Ao estabelecer-se o protocolo com o Agrupamento de Escolas de Maximinos, escola de referência no concelho para os alunos cegos e de baixa visão, o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga tem, pela primeira vez, a experiência do ensino articulado e, por outro lado, é confrontado com a necessidade de adaptar o processo de ensino-aprendizagem a alunos portadores de deficiência visual.

Através deste projeto, coordenado pela professora Sofia Rocha, pretende-se dar uma resposta sistematizada a esta problemática, aliando a computação à musicografia Braille. A capacidade dos cegos descodificarem com autonomia a partitura, abrirá novas oportunidades de integração na sociedade.

## Programa de Educação para a Saúde (PES)

*Joana Monteiro, Coordenadora de Educação para a Saúde*

O Programa de Educação para a Saúde visa envolver toda a comunidade escolar em diversas atividades relacionadas com um conjunto de hábitos saudáveis que influenciam a saúde individual e coletiva, em vários domínios, desde o físico ao psicológico, passando pelo mental e social. Tendo como área de intervenção os "Estilos de Vida Saudáveis", foram desenvolvidos ao longo do primeiro e segundo períodos vários projetos que motivaram os alunos para continuarem a participar nas novas iniciativas. Desde os "Heróis da Fruta", ao "Sorriso Feliz", realizados no âmbito da saúde oral, até ao desafio "Eu e a minha mochila", que sensibilizou pais e encarregados de educação para a problemática do excesso de peso das mochilas dos seus educandos, todas as atividades foram fundamentais para a aquisição de novas rotinas salutaras. A

realização do rastreio visual, assim como a comemoração do "Dia Mundial da Alimentação" e do "Dia do Não fumador", foram o ponto forte de estimulação e desenvolvimento de um pensamento crítico acerca das problemáticas envolventes sobre o tabaco e as atitudes alimentares benéficas que devem ter sempre presentes promovendo, deste modo, a saúde preventiva e uma boa nutrição. Assim e até ao final do ano, projetos como a aplicação do PRESSE (Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar), "Não existo Só" e a própria "Dádiva de sangue e de medula" serão, entre muitas atividades, as que terão como objetivo desenvolver uma consciência cívica a toda a comunidade educativa e inculcar valores de sociabilização e preocupação pelos pares, tão importantes e essenciais para colmatar o individualismo e incentivar a união.



# A escola ao serviço da Educação para a Cidadania

Sandra Lopes, Coordenadora dos projetos Eco-Escolas e +Cidadania

A escola constitui um importante contexto para a aprendizagem e para o exercício da cidadania e nela se refletem preocupações transversais à sociedade, que envolvem diferentes dimensões da Educação para a Cidadania. Nesse sentido, a escola aderiu a dois projetos, o *Projeto + Cidadania* e o *Projeto Eco-Escolas* e a várias iniciativas, nomeadamente: *Campanha Papel por Alimentos*, *Geração Depositário*, recolha de tampinhas e participação em concursos no âmbito das mesmas.



Com o desenvolvimento do *Projeto + Cidadania*, a escola tem acesso a uma Plataforma de Participação e Cidadania para Crianças, que abrange duas dimensões da Educação para a Cidadania: Educação Ambiental/Desenvolvimento Sustentável e

Educação para o Património. Assim, serão realizadas atividades de participação e cidadania envolvendo os diversos atores da comunidade numa rede capaz de promover e desenvolver conhecimentos, competências, atitudes e valores que ajudem as crianças a desempenhar um papel ativo na comunidade.

Este ano letivo será dada mais ênfase às atividades que incidem nos temas: Resíduos, Água e Energia, que vão ao encontro de iniciativas desenvolvidas no âmbito do projeto Eco-Escolas (são três dos cinco temas a tratar) e apoiadas pela Biblioteca Escolar. O projeto Eco-Escolas é um programa internacional da “Foundation for Environmental Education”, desenvolvido em Portugal desde 1996 pela ABAE (Associação Bandeira Azul da Europa). Pretende encorajar ações e reconhecer o trabalho de qualidade desenvolvido pela escola, no âmbito da Educação Ambiental para a Sustentabilidade. Para além dos temas acima referidos, o Conselho Eco-Escolas trabalhará também os seguintes: Ruído e Alimentação Saudável.

Uma vez que ambos os projetos, + Cidadania e Eco-Escolas, confluem para os mesmos objetivos, pretende reunir-se os recursos de ambos, para atingir os mesmos resultados, designadamente a criação de hábitos de reflexão sobre os problemas ambientais e promover soluções para a sustentabilidade do planeta.



# Atividades no âmbito do Projeto Eco-Escolas

Equipa Eco-Escolas



## HALLOWEEN

Para a decoração da festa de Halloween, foram usados desperdícios de cartão (rolos de papel higiénico e de cozinha), cartolinas (provenientes de uma exposição do ano letivo anterior), palitos de espetadas, copos de plástico, lâmpadas de Natal e sacos do lixo. Ou seja, foi feita a reutilização de materiais.

Mas o que significa Reutilizar? Reutilizar é usar um produto mais de uma vez, independentemente de o produto ser utilizado novamente na mesma função ou não. Após o evento, os materiais foram encaminhados para a reciclagem que consistirá na reintrodução dos mesmos no sistema produtivo, dando origem a materiais diferentes dos iniciais, mas com características similares às dos originais, ou seja, irão servir como matéria-prima. Este processo permite reduzir o consumo de matérias-primas, de utilização de energia e a poluição do ar e da água, diminuindo também a necessidade de tratamento convencional de lixo e a emissão de gases de efeito de estufa.



## NATAL



No Natal, ruas, lojas e casas iluminam-se e enfeitam-se para celebrar o nascimento de Jesus. O presépio é um dos símbolos natalícios que mais encanta as crianças e os adultos também! Em várias culturas, é costume montar o presépio quando se aproxima a época do Natal. A montagem do presépio é um momento que pode reunir toda a família. Assim, no âmbito do Programa Eco-Escolas e em articulação com a disciplina de Educação Visual, foi colocado o desafio aos alunos da turma do 5º B para realizarem com as suas famílias presépios confeccionados com materiais reciclados.

As coroas são, para além da árvore de Natal e o presépio, uma das formas mais clássicas de decorar os espaços. Foram expostos alguns exemplos de coroas de Natal, que servirão de inspiração futura, para enfeitarem a porta de casa, dando as boas-vindas não apenas ao Natal, mas também aos vossos convidados.

É nosso desejo que estes exemplos de "Reutilizar com Arte" tenham servido de inspiração a todos os que assistiram às diversas exposições, para serem consumidores atentos e responsáveis e que, perante cada hipótese de reutilização, avaliem as vantagens para si e para o Ambiente!

# A disciplina de HGP de mãos dadas com o Projeto Eco-Escolas

## SISTEMA SOLAR

No âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal, a docente da disciplina solicitou aos alunos da turma do 5º A que elaborassem modelos do Sistema Solar, recorrendo à utilização de todo o tipo de materiais recicláveis. Esta atividade visou a consolidação dos conteúdos lecionados na sala de aula, tendo simultaneamente promovido o envolvimento dos pais no processo de ensino-aprendizagem.

Ao analisar a exposição dos trabalhos, depreende-se que os seus criadores utilizaram de forma bastante criativa os vários materiais recicláveis/reutilizáveis, prática comum às atividades desenvolvidas no ClubECO.



## ROSA DOS VENTOS

Os alunos do 5º B foram desafiados, pela professora de História e Geografia de Portugal, a criarem uma rosa dos ventos utilizando materiais recicláveis. À semelhança dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do 5º A, do Sistema Solar, esta atividade visou a consolidação dos conteúdos lecionados na sala de aula, tendo o contributo dos pais para o seu desenvolvimento.

Tendo, como inspiração, as exposições já realizadas, foram muitos os materiais usados pelos alunos: guarda-chuva, papel de alumínio, cápsulas de café, fósforos, parafusos, vidro, palhinhas, rolhas e cortiça, tampinhas de plástico, revistas, caixas de cartão, embalagens tetra pak, madeira, fios elétricos, parafusos e outros...

Mais uma exposição criativa que nos mostra como tudo pode ser transformado e formar novos significados!



# Atividades da Biblioteca Escolar

Anabela Fernandes, bibliotecária

A Biblioteca escolar é um serviço integrante do Conservatório, de caráter informativo, de referência e de divulgação da informação, promoção da leitura e das literacias da informação. A missão da Biblioteca é prestar apoio a toda a comunidade educativa, bem como aos demais utilizadores, também através da disponibilização de diferentes fontes e recursos de informação. A nossa Biblioteca assume-se, pois, como um espaço cada vez mais decisivo para as aprendizagens e a capacitação plena das crianças e jovens que a utilizam, formal ou informalmente.

outubro, comemoração do mês internacional das Bibliotecas Escolares  
Um tempo especial para as Bibliotecas Escolares

26 de outubro, encontro com o autor/ilustrador Sérgio Lorré



No âmbito da promoção e divulgação do papel crucial das bibliotecas escolares no seio das comunidades educativas, é sempre importante enquadrar um mês ou um dia especialmente dedicado ao papel destas unidades de informação, formação e conhecimento. Com as diversas atividades que desenvolvemos, quisemos salientar a importância e o impacto da biblioteca no dia-a-dia da escola, no dia-a-dia dos alunos que a frequentam e que nela encontram suporte e apoio ao seu percurso escolar. Afinal, todos os dias são dias de biblioteca escolar.



17 de novembro, Dia Mundial do Não Fumador



A Biblioteca associou-se ao Projeto Educação para a Saúde para celebrar o dia do não fumador. A par de outras atividades, sob a coordenação de dois enfermeiros, promoveu-se a realização do concurso "Pulmão milionário", uma atividade que teve grande adesão das turmas, onde os alunos, à semelhança de um conhecidíssimo concurso televisivo, testaram os seus conhecimentos sobre o tabagismo e outras temáticas associadas.

Novembro, Sarau Cultural Ler.Com...Gedeão



A Biblioteca, em parceria e colaboração com a Rede das Bibliotecas de Braga, na Semana da Cultura Científica, associou-se à festa de homenagem a António Gedeão, poeta, professor, um homem da ciência que cantou a vida e o sonho, a lucidez e a esperança.

Um grupo de alunos do 10ºB foi o representante da escola, proporcionando raros momentos de beleza através das palavras lidas, ditas e cantadas!



Como tem sido prática, a Biblioteca associou-se, uma vez mais, à celebração de uma conquista civilizacional que urge proteger, lembrando e reiterando a necessidade de ser respeitada em todo o mundo.

Na 10ª edição da Semana da Leitura (29 de fevereiro a 4 de março), subordinada ao tema ELOS DE LEITURA, quisemos não só promover o prazer de ler através das histórias que se ouviram, contaram e representaram, mas também encontrar momentos de reflexão em torno de questões atuais e determinantes como a necessidade de aprendermos a lidar com a complexidade de um mundo heterogêneo, desenvolvendo Elos que suportam o entendimento entre os povos. Neste sentido, estive na nossa biblioteca Rui Ferreira, líder de uma associação juvenil na área do voluntariado, acompanhado por três jovens, uma romena e dois turcos. Falaram-nos das suas experiências, deram-nos a conhecer os seus países de origem, partilhando ideias, sentimentos, reflexões com um grupo de alunos muito atento e participativo.



Leituras representadas com a atriz Inácia Cruz

Valeu a pena este momento que suscitou nos nossos jovens o quanto é importante olhar para o mundo e a sociedade envolvente e participar na defesa de valores como o da igualdade, solidariedade e liberdade.

Queremos que a nossa Biblioteca se torne num espaço de festa onde nascem e se cimentam ELOS de LEITURA.



ELOS do Voluntariado



**Livros Viajantes com Ivone Paz**  
A leitura como um elo de entendimento para a diferença e a pluralidade



Encontro com a autora Nanni Pinto



14 de março, Concurso Concelhio de Leitura Braga a Ler+

Histórias vindas de longe, histórias que preenchem os sonhos... e dão que pensar. Histórias que nos levam aos livros e a mais leituras!

A 2ª fase do Concurso Concelhio de Leitura decorreu na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva. Num ambiente de muita alegria, descobertas e experiências, os nossos alunos estiveram de parabéns pelo empenho que demonstraram na realização das provas.

É de realçar o facto do aluno Pedro Borges, do 6ºB, ter ficado entre os três finalistas da sua categoria. Parabéns ao Pedro e aos alunos seus colegas participantes.



# Prestação dos alunos no Desporto Escolar

Luísa Peixoto, Desporto Escolar

No Clube do Desporto Escolar - Natação, dos trinta e seis alunos inscritos, vinte e dois entraram em competição tendo-se realizado até à data três encontros entre escolas de Braga, Famalicão e Guimarães no Complexo de Piscinas da Rodovia.

A nossa equipa é muito jovem, sendo a grande parte dos nadadores do escalão de Infantis A e infantis B. Salientam-se nas suas prestações, quer ao nível competitivo quer ao nível do empenho e esforço, todos os atletas destacando-se, por liderarem os rankings em algumas provas, os seguintes alunos:

- Simão Crispim lidera o ranking na prova de cinquenta metros bruços; é segundo nos vinte e cinco metros livres, quarto nos vinte e cinco metros costas e quinto nos cinquenta metros livres.

- João Ricardo Freitas é primeiro nos vinte e cinco metros costas e segundo nos cinquenta metros livres.

- Maria Catarina Vieira é primeira na prova de vinte e cinco metros livres, segunda nos cinquenta metros livres e terceira nas provas de vinte e cinco metros mariposa e cinquenta metros bruços.

- Jéssica Vilaça é segunda nos duzentos metros costas e terceira nos cem metros costas.

- Ana Barros é segunda nos vinte e cinco metros bruços.

- Carlota Azevedo é quinta nos vinte e cinco metros livres.

- Maria Amaral é quinta nos vinte e cinco metros costas.

As nossas estafetas estão também muito bem classificadas. A estafeta de 4x25 metros Estilos de Infantis A, Masculinos, está em primeiro lugar no ranking, sendo composta pelos nadadores, Simão Crispim, João Ricardo Freitas, Fausto Borges e Tomás Soares.

A estafeta feminina de 4x25 metros Estilos, no escalão de Infantis B, está em segundo lugar no ranking, com as nadadoras, Lara Pereira, Sara Cortez, Carolina França e Catarina Barros.



## Fernando Ribeiro

João Tiago Magalhães, Acompanhamento e Improvisação



O Professor Fernando Ribeiro, para além das aulas de trompete, conseguiu nestes últimos anos levar a cabo a imensa tarefa de reeditar as principais obras de trompete que pertencem ao programa oficial, com o objetivo de substituir as velhas cópias de leitura quase impercetível, pelas partituras novas. Também publicou vários livros de caráter pedagógico para o estudante de trompete. Sem receber grande coisa em troca, é de louvar este trabalho altruísta e de grande generosidade!

As suas obras estão publicadas pela AVA musical editions.



# Ensemble de Clarinetes e Classe de Clarinetes do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga

Filipe Silva, Clarinete

O Ensemble de Clarinetes do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga é um projeto que foi criado em 2013 e que visou a formação integral do aluno enquanto músico, instrumentista e pessoa. Pretende-se, ainda, com este projeto, que é desenvolvido como atividade extracurricular, que os alunos possam pôr em prática as suas competências e conhecimentos adquiridos individualmente ao longo do seu percurso escolar num contexto de classe de conjunto bem como reforçar as relações interpessoais dos alunos e o desenvolvimento do conservatório.

O ensemble de clarinetes é composto, atualmente, pelos alunos do ensino secundário do conservatório e respetivos professores da classe de clarinete, Alcina Azevedo, Catarina Rebelo e Filipe Silva.

Ainda que com pouco tempo de vida, este ensemble/grupo já realizou vários concertos na cidade de Braga, designadamente no Auditório Adelina Caravana e no Theatro Circo.

Em Maio de 2015, sob a responsabilidade dos seus professores, organizou com enorme sucesso o 1º Festival de Clarinete de Braga, realizado no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian e que contou com a participação de músicos de renome nacional e internacional. Nesse mesmo festival, teve o privilégio de realizar o concerto de abertura, acompanhando o solista internacional Josep Fuster (clarinete) e a Pianista Ana Margarida Coelho.

Recentemente, foi convidado pela Associação Portuguesa do Clarinete para atuar no *ClarMeet.Porto'15* - 5º Encontro Internacional de Clarinete, que decorreu entre os dias 18 e 19 de Novembro de 2015, no Conservatório de Música do Porto. Nesse concerto, o ensemble de clarinetes do CMCG executou uma obra - Mozartiana, de Luís Carvalho (maestro, clarinetista e compositor), contando com a presença do seu compositor que elogiou muito positivamente a interpretação e qualidade do grupo.

No entanto,  
o momento mais

alto da curta existência do ensemble foi a recente visita de estudo que efetuou a Paris, nos passados dias 16, 17 e 18 de Fevereiro de 2016. Nessa visita, o grupo visitou as fábricas de clarinetes da *Selmer* e da *Buffet-Crampon*. O grupo teve ainda a grande oportunidade de assistir durante uma tarde, no Conservatório Superior de Música de Paris, às aulas do professor *Philippe Berrod*, professor e solista da "Philharmonie de Paris". Realça-se ainda a grande simpatia e disponibilidade do professor *Berrod* pela forma como recebeu o grupo na sua sala de aula e ainda pela oportunidade de visita à nova sala de concerto da "Philharmonie de Paris". Esta viagem foi, para professores e alunos, uma grande experiência, plena de vivências e aprendizagens fantásticas.

Para os professores e alunos de clarinete do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, o Ensemble de Clarinetes tem-se revelado um excelente espaço de troca e partilha de conhecimentos, reforçando a dinâmica da classe e criando fortes laços de respeito e até amizade entre todos.



# EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

## Social e Ecologicamente Sustentável

Anabela Rios, Matemática e Ciências



Falar em Educação para o Desenvolvimento numa ótica global é, de per si, um desafio, que é tanto maior quanto só o concebo e entendo quando encarado de uma forma social e ecologicamente sustentável! Atravessamos um tempo de desafios globais e perigosas crises que se colocam a diversos níveis e escalas: económicas, sociais e ambientais. Diversos autores identificam e caracterizam os tempos atuais como de mudança de paradigma epistemológico e societal. Nestas crises, podem também entrever-se oportunidades de mudança e de assumir novos rumos para a(s) economia(s) e para a(s) sociedade(s).

Acredito que no quadro atual se torna urgente repensar e redescobrir o papel que a Educação tem e pode ter na criação de respostas aos desafios globais com que nos defrontamos. Importa também, por outro lado, implementar processos que potenciem uma maior participação pública e atenção aos processos que têm que ver com a adoção de inovações científicas e tecnológicas, o que implica o desenvolvimento de atitudes mais críticas e de maior exigência ética face à produção do conhecimento.

O investimento na formação e capacitação dos cidadãos é uma condição indispensável para o Desenvolvimento. Para além do funcionamento regular dos programas formais de ensino aos diversos níveis (primário, secundário e superior), constata-se a necessidade de promover ações de particular importância na chamada de atenção para Causas, que permitam ir além da rotina da 'produção de diplomas' no ensino superior e politécnico e desenvolver tomadas de consciência que permitam criar 'diferenciais de consciência' de molde a promover as mudanças necessárias, tanto da parte dos futuros licenciados como da sociedade civil em geral. Importa também atender às necessidades de formação, reciclagem e de atualização ao longo da vida de muitos profissionais. A formação contínua é objeto de grande atenção nos países industrializados, existindo mesmo associações internacionais dedicadas ao tema.

O objetivo primordial do estabelecimento do conceito ED (Educação para o Desenvolvimento) visa definir formas de perceber as soluções para os problemas globais, que não se reduzem apenas à degradação do ambiente físico e biológico e ao atropelo constante a um planeamento urbanístico equilibrado e sustentado, mas que incorporam dimensões sociais, políticas e culturais, como a pobreza e a exclusão social. De facto, educar para o Desenvolvimento significa conjugar esforços para aplicar processos que melhorem as condições de vida das comunidades humanas e, ao mesmo tempo, respeitem os limites e a capacidade de carga dos ecossistemas, indicando a equidade social, a prudência ecológica e a eficiência económica como critérios fundamentais a serem cumpridos, em simultâneo.

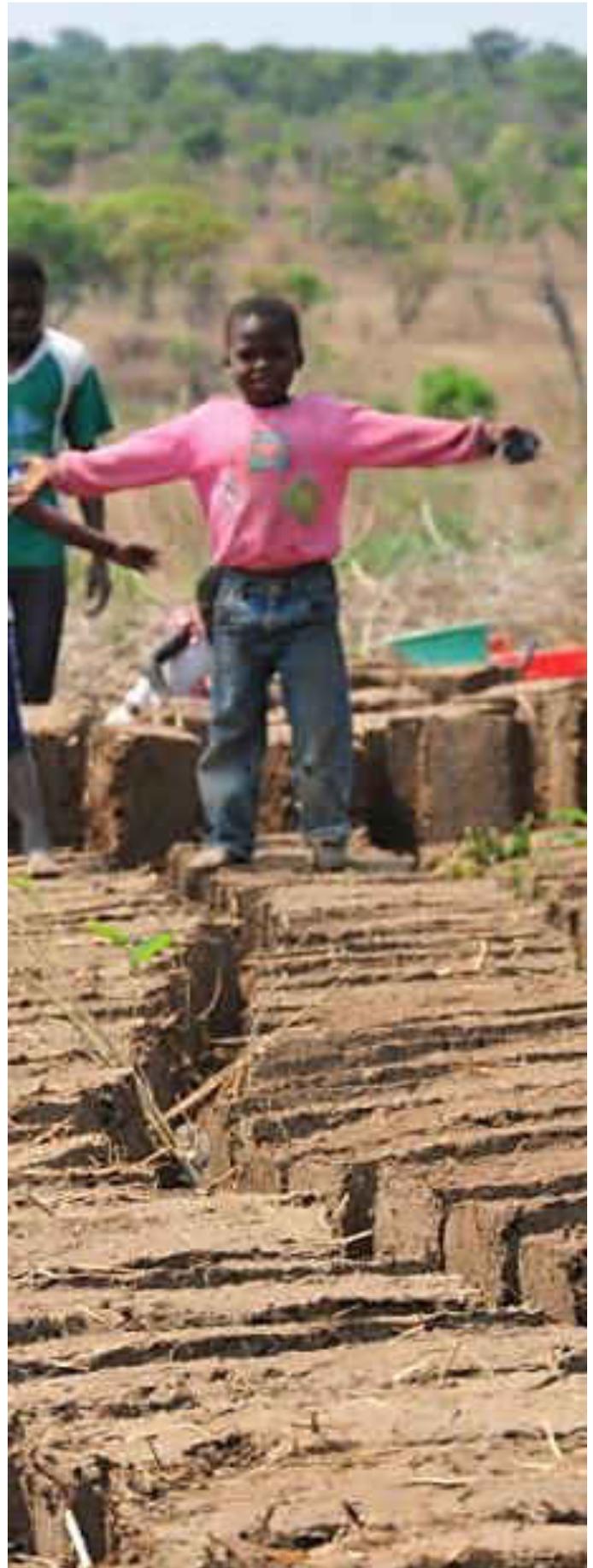
A abordagem das políticas de Desenvolvimento e de Cooperação está a evoluir no sentido de a tornar mais próxima do terreno e dos

beneficiários da ajuda. A União Europeia (EU) estabeleceu que devem ser tomadas as medidas para associar o mais possível a sociedade civil dos países interessados e dos Estados-Membros da UE ao desenvolvimento. As Nações Unidas fixaram, a 27 de setembro de 2015, os dezassete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, com base nos progressos e lições aprendidas com os Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, entre 2000 e 2015. Neles, assume particular realce o Objetivo Quatro: "Educação de qualidade" e onde se pode destacar o compromisso: "Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de género, promoção de uma cultura de paz e da não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável"

É nossa obrigação contribuir para levantar e resolver questões relacionadas com algum défice de perfil mais adequado a uma nova realidade emergente, que tem a ver com a exigência de organizações mais flexíveis, dinâmicas e inovadoras.

Foi neste contexto que já há alguns anos surgiu a "ENGENHO E OBRA" - Associação para o Desenvolvimento e Cooperação (E&O), uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento - ONGD, associação da sociedade civil, de direito privado e fins não lucrativos, da qual me orgulho ter sido cofundadora e razão pela qual fui convidada a fazer a presente reflexão. A E&O tem como objetivos a conceção, execução e apoio a programas e projetos de Cooperação para o Desenvolvimento e proteção e promoção dos direitos humanos. Tem ainda como objeto a intervenção nas áreas de ensino, educação e cultura, de assistência científica e técnica, de emprego e formação profissional, de proteção e defesa do ambiente, de desenvolvimento rural, de educação para o desenvolvimento, bem como da execução de todo o tipo de atividades que se destinem à promoção e melhoria das condições de vida das populações, na defesa do desenvolvimento sustentável e na luta contra a pobreza. A E&O orienta a sua ação pelos conceitos de Inovação Social, na procura de novas soluções para as necessidades sociais e com o objetivo de promover a resolução de problemas da exclusão social, da falta de qualidade de vida e da falta de participação cívica e democrática. A E&O, apela à consciência da sociedade civil para as inúmeras necessidades que existem a nível do desenvolvimento sustentável, a nível global e em particular nos países em desenvolvimento, mobilizando vários intervenientes e promovendo ações de formação que orientem para futuras iniciativas de cooperação com aqueles países, sem esquecer obviamente as intervenções de proximidade.

Embora reconhecendo que a mudança de mentalidades é um processo lento e que implica ações continuadas e persistentes, é minha convicção que o combate aos desequilíbrios ambientais e à pobreza é, não só uma necessidade, mas uma inevitabilidade que depende única e exclusivamente da vontade individual e coletiva!



conservatório de música calouste gulbenkian de braga

# Vestágio de orquestra

11 a 17 julho | 2016



maestro  
jean-marc burfin

inscrição online  
[www.conservatoriodebraga.pt](http://www.conservatoriodebraga.pt)  
até 29 de maio

